

FORMATO TEMPORÁRIO

Este livro foi traduzido por inteligência artificial, mas não verificado por uma pessoa. Se você gostaria de contribuir revendo este livro, por favor entre em contato conosco.

Página principal do nosso site: <http://diffusion-bdm-intl.com/>

Nosso e-mail: contact@diffusion-bdm-intl.com

Saudações de toda a equipe da Diffusion BdM Intl.

Pierre Riopel 18 de abril de 2023

ÍNDICE

1 – A Identidade

2 - Crise de identidade

3 - O desenvolvimento da identidade

4 - O plano astral

5 - O espírito

6 - A solidão da iniciação planetária

7 - *Evolução ascendente e descendente*

CAPÍTULO 1

*IDENTIDADE CP036*

A auto-identidade em relação aos outros é um problema humano universal. E este problema aumenta quando o Homem vive em uma sociedade complexa como a sociedade moderna. O problema da identidade é o sofrimento vital do ego, que o acompanha desde a época em que ele se vê a si mesmo em comparação com os outros. Mas o problema da identidade é um falso problema que surge do fato de que o ego, ao invés de se realizar de acordo com sua própria medida, procura se realizar competitivamente contra os outros egos que, de fato, sofrem do mesmo problema que ele.

Enquanto o ego olha além de sua cerca para a terra do outro para admirar suas flores, ele não vê que o outro está fazendo o mesmo a si mesmo. A identidade, ou crise de identidade, no Homem de hoje é tão aguda que resulta em uma perda de autoconfiança que com o tempo degenera em uma perda total da consciência pessoal. Esta é uma situação perigosa, especialmente se o ego já é fraco de caráter e propenso à insegurança.

O problema da identidade, ou seja, a característica do ego de não se ver como digno de si mesmo, é na verdade um problema de criatividade. Mas quando o ego é criativo, o problema da identidade não é, por si só, eliminado, pois o ego nunca está perfeitamente satisfeito consigo mesmo até que tenha percebido a ilusão de seu eu inferior. Para que um ego de baixo status experimente o mesmo problema de identidade que um ego de alto status, pois a comparação entre ele e outro só mudará em escala, mas permanecerá sempre presente, pois o ego está sempre em poder de melhoria. E não há fim para a melhoria que ela busca para si mesma.

Mas o auto-aperfeiçoamento é um disfarce sob o qual o ego se esconde para dar a si mesmo algum motivo para viver feliz. Mas será que ele não sabe que toda melhoria já é gerada por um corpo de desejo?

O problema da identidade surge da ausência de consciência da inteligência real no Homem. Enquanto o Homem viver por seu intelecto, enquanto for apoiado em suas opiniões apenas pela experiência sensorial, é difícil para ele substituir o que pensa saber ou entender por um valor absoluto de inteligência não determinado pela experiência egocêntrica.

Enquanto o Homem desejar manifestar-se na vida, para deixar sua marca, ele sofre com este desejo. Se ele conseguir realizar seu desejo, outro o empurrará de volta, e assim por diante. É por isso que, para o homem, qualquer forma de derrota constitui para ele uma crise de identidade de algum tipo, qualquer que seja seu status, pois o problema de identidade não é um problema de sucesso, mas um problema de consciência, ou seja, um problema de inteligência real.

O Homem que descobre no decorrer de sua vida que a inteligência real se sobrepõe ao intelecto já começa a sofrer menos com o problema da identidade, embora ele ainda possa sofrer de uma falta de criatividade real igual ao que ele sente que pode manifestar. Somente quando sua identidade estiver de acordo com o modo de vida que lhe convém, ele perceberá que a criatividade pode tomar uma infinidade de formas e que todo homem tem uma forma de criatividade que lhe convém mentalmente. E a partir desta forma ele pode viver em perfeita harmonia no plano de seu corpo de desejo e de sua inteligência criativa.

Ser criativo não significa mudar o mundo, mas fazer as coisas de uma maneira perfeita para si mesmo, para que o mundo interior se torne externalizado. É assim que o mundo muda: sempre de dentro para fora, nunca o contrário. O ser supermental começa a perceber o problema da identidade. Ele vê que o que ele é ainda é um pouco do que ele era. Mas ele também vê que à medida que seu corpo muda, sua consciência cresce e o problema de identidade desaparece lentamente, na superfície do que antes era o ego inconsciente.

A eliminação gradual do problema de identidade no ser surmental permite que ele viva sua vida como realmente a vê, e que seja cada vez melhor em sua pele. Não há nada no Homem que seja tão difícil a ponto de sofrer com a identidade. Pois ele sofre de formas ilusórias, ou seja, por razões que cria para si mesmo, precisamente porque não é inteligente, ou seja, consciente da inteligência criativa dentro dele.

Um dos lados da identidade é a vergonha em alguns casos, o constrangimento em outros, a insegurança na maioria. Por que um homem de bom caráter deveria se envergonhar quando é apenas a reflexão social em sua mente presa nas redes do pensamento social? O mesmo se aplica ao constrangimento que vem da incapacidade do ego de se livrar do que os outros possam pensar no local. Se o ego consciente se livrasse do que os outros possam pensar, seu desconforto desapareceria e poderia acessar mais rapidamente sua verdadeira identidade, ou seja, aquele estado de espírito que faz um Homem sempre se ver à luz de seu próprio dia.

O problema da identidade vem da ausência de centricidade no Homem. E esta ausência diminui o poder penetrante da inteligência, que faz do Homem um escravo de seu intelecto, aquela parte de si mesmo que não conhece as leis da mente nem os mecanismos da mente. Para que o Homem, deixado à sua própria experiência, careça de luz em sua inteligência e seja obrigado a aceitar a opinião dos outros quanto à natureza do Homem.

Se o Homem se questiona, como é possível que outro Homem o ilumine, se esse outro Homem se encontra na mesma situação em que se encontra? Mas o homem não se dá conta disso, e seu problema de identidade piora de acordo com a pressão exercida contra o ego pelos acontecimentos.

O ego na mente está inquestionavelmente preso por sua forma de pensar que não está ajustada à sua inteligência real. E esta forma de pensar contradiz a realidade de sua inteligência, pois se ele percebesse a realidade de sua inteligência através de sua intuição, por exemplo, ele seria o primeiro a rejeitar sua realidade, pois o intelecto não tem fé na intuição, ele a considera uma parte irracional de si mesmo. E como o intelecto é racional ou supostamente racional, qualquer coisa que se oponha a ele não vale a pena ser reconhecida como inteligência.

E ainda assim, a intuição é de fato uma manifestação de inteligência real, mas esta manifestação ainda é muito fraca para que o ego entenda sua importância e inteligência. Em seguida, ele se retira em sua racionalidade e perde a oportunidade de descobrir os mecanismos sutis da mente que podem lançar luz sobre seu problema de identidade.

Mas o problema da identidade deve permanecer com o Homem até que o intelecto tenha se soltado e o ego tenha se sintonizado consigo mesmo, internamente. Se o ego é conscientizado da natureza e da forma da inteligência real dentro dele, ele gradualmente se ajusta e se torna um lar para si mesmo nessa inteligência. Com o tempo, ele vai lá cada vez mais regularmente, e seu problema de identidade desaparece, pois percebe que tudo o que pensava de si mesmo era apenas uma distorção psicológica e mental de sua verdadeira inteligência, incapaz de ir além das altas paredes de seu raciocínio.

Em uma sociedade complexa, como a conhecemos, somente a força interior do ego, sua verdadeira inteligência, pode elevá-la acima do latido das opiniões e colocá-la sobre a rocha de sua verdadeira identidade. E quanto mais a sociedade se desintegra, mais seus valores tradicionais colapsam, mais o ego está em perdição, pois já não tem mais o andaime social formal sobre o qual se apoiar, diante do fenômeno cada vez mais desconcertante da vida moderna.

Mas o ego nem sempre está pronto para ouvir aqueles que podem lhe dar as chaves essenciais para compreender seu próprio mistério. Pois já sua deformação psicológica a leva a questionar tudo o que não está em conformidade com seu modo de pensar subjetivo. É por isso que o ego só pode ser culpado por sua recusa em ver mais longe, mas pode ser feito para perceber que embora não possa ver mais longe hoje, amanhã sua visão se ampliará de acordo com o grau de penetração da energia dentro dele.

Pois de fato, não é o ego que supera a parede de sua identidade por seus próprios esforços, mas a alma que a traz através do sofrimento, ou seja, através da penetração de sua luz, para registrar, além do intelecto, a vibração da inteligência. E este choque vibratório se torna o início do fim.

Há egos menos orgulhosos que se abrem à realidade, porque uma espécie de humildade já os predispõe à sua própria luz. Por outro lado, há egos que são demasiado orgulhosos para que esta luz passe, esta rede fina. E são estes egos que são mais propensos a grandes pontos de virada, grandes contratempos que os atordoam e os tornam mais realistas.

A crise de identidade é identificada com a imaturidade do homem. A verdadeira identidade demonstra o desenvolvimento de uma verdadeira maturidade.

A alma é independente do ego em suas ações, e o ego tem a liberdade de fazê-lo desde que não se faça sentir em força no ego. É este momento que o ego não conhece. E quando o faz, percebe que sua vaidade, seu orgulho, a paixão que tem por si mesmo, com suas idéias, explode como um ovo sob pressão.

O sofrimento da alma tem suas razões que o ego não pode compreender a princípio, mas que também não pode ajudar a experimentar. É a alma que funciona. Está na hora de passar de uma etapa para outra. O problema de identidade, que ele vivenciou no início, reorienta-se, e seu orgulho desmorona como uma brincadeira de criança. Quer o ego esteja mais ou menos orgulhoso, tudo volta à insegurança. Muitas vezes se encontra os chamados egos "sólidos", "fortes"*,* para quem a realidade é pura fantasia; são esses egos que mais sofrem com o efeito sobre sua identidade, quando a alma faz a vibração mental e emocional, sob a pressão de eventos da vida que o ego não consegue mais controlar.

É aqui, durante estas difíceis experiências, que o ego começa a se ver à luz verdadeira de sua fraqueza. É aqui que ele vê que a segurança de sua falsa identidade, na qual o orgulho de seu intelecto era primordial, irrompe sob a pressão vibratória da luz. Diz-se então que ele muda, que ele não é mais o mesmo ou que sofre. E isto é apenas o começo, pois quando a alma começa a irromper pelas paredes da falsa identidade, ela não pára seu trabalho. Pois chegou o momento da descida da consciência ao Homem, da verdadeira inteligência e vontade e do amor.

O ego, que se sente forte em sua falsa identidade, sente-se fraco como uma palheta quando o choque vibratório é sentido. E só mais tarde ela recupera sua força, a força da alma, e não o falso poder de seu corpo de desejo, sobre a forma que alimenta a emoção e a mente inferior.

A crise de identidade no homem corresponde à resistência do ego à luz da alma. Esta correspondência causa sofrimento na vida do ego em proporção a essa resistência. E toda resistência é registrada, ainda que seja percebida psicologicamente ou simbolicamente ou filosoficamente pelo ego. Pois para a alma, tudo é energia no Homem, mas para o Homem, tudo é símbolo. É por isso que o homem tem tanta dificuldade em ver, porque o que ele verá, uma vez livre dessas formas, será através da vibração, e não através do símbolo da forma. É por isso que se diz que a realidade não é compreendida através da forma, mas é conhecida através da vibração, que gera e cria forma para se expressar.

O problema da identidade invoca sempre um excesso de simbologia, ou seja, de formas de pensamento subjetivo no Homem. Este excedente, em um determinado momento, coincide com o esforço da alma para fazer contato com o ego através do símbolo da forma de pensamento, pois este é seu único meio de desenvolvê-lo dentro da mente.

O ego percebe, sem compreender as razões profundas, que está tentando se situar em relação a si mesmo. Mas como ele ainda é prisioneiro de suas formas de pensamento, de suas emoções, ele acredita que está em seu movimento, em seu movimento! Ou seja, ele acredita que este processo de pesquisa emana apenas dele. E este é seu calcanhar de Aquiles, pois o ego está na ilusão da verdade e da falsidade, na ilusão do livre arbítrio.

Quando a energia da alma penetra e rompe a barreira da falsa identidade, o ego percebe que o ponto não é mais para ele estar certo, mas para ter acesso à sua verdadeira inteligência. Começa então a compreender. E o que ele entende não é compreendido por aqueles que não estão na mesma inteligência, por mais bem intencionados que sejam. Pois tudo está fora do símbolo, tudo é **vibratório**.

O problema da identidade é inconcebível quando o ego e a alma se ajustam um ao outro, pois o ego não puxa mais o "*cobertor" da* realidade de seu lado, enquanto a alma trabalha do outro. Há uma correspondência entre os dois, e a personalidade é o beneficiário. Pois a personalidade é sempre vítima do abismo entre a alma e o ego.

Enquanto o problema de identidade existir no homem, ele não pode ser feliz. Pois há divisão em sua vida, mesmo que sua vida material na superfície pareça estar indo bem. Só pode realmente ir bem na proporção da unidade de si mesmo.

A crise de identidade do homem moderno só é benéfica para aqueles que já sofreram retrocessos suficientes para despertar neles um grande desejo de equilíbrio. Mas este desejo de equilíbrio só pode ser plenamente realizado quando o ego colocou de lado seus instrumentos de tortura para manipular a fina energia da alma. Na área da vida humana onde existe uma grande espiritualidade, a crise de identidade pode ser tão aguda, se não mais, do que onde não se encontra esta grande sensibilidade do ego para aquele algo interior que inexoravelmente o empurra para uma espiritualidade cada vez maior, cada vez mais procurada e finalmente cada vez mais imperfeita.

Aqueles que são desta categoria da Humanidade têm que ver que todas as formas, mesmo as mais elevadas, mais belas, encobrem a verdadeira face da alma, pois a alma não é do plano do ego; ela vê infinitamente, e quando o ego se apega demais à forma, mesmo a forma espiritual, ele interfere com a energia cósmica que deve passar pela alma e elevar a taxa vibratória de todos os princípios inferiores do Homem, para que ele possa se tornar mestre da vida. Quando o homem supramental é mestre da vida, ele não precisa mais ser atraído espiritualmente para o plano da alma, pois é a alma, sua energia, que desce até ele, e transmite seu poder de luz.

A identidade espiritual do homem é uma presença dentro dele, através da forma de energia da alma. Mas esta energia não tem poder de transmutação, embora tenha o poder de transformação sobre a personalidade.

Mas a transformação da personalidade por si só não é suficiente, pois é o último aspecto do Homem. E enquanto o ego não estiver também unido à alma, a personalidade espiritual pode facilmente levar o homem a uma rápida conversão de sua moral, a tal ponto que qualquer falta de equilíbrio mental e emocional, pode levá-lo à crise aguda da espiritualidade, o fanatismo religioso.

Assim, mesmo o homem ferozmente espiritual pode prejudicar a si mesmo e à sociedade. Pois o fanatismo é uma doença espiritual, e aqueles que caem nela podem facilmente, por causa de sua peculiar exploração da forma espiritual, criar em outros uma atração suficientemente poderosa para torná-los grandes crentes, ou seja, novos escravos da forma, elevados pelo fanatismo ao pedestal que só o doente espiritual pode suportar, se for auxiliado pela crença submissa daqueles que são tão ignorantes quanto ele, mas mais insensíveis a esta forma de doença.

Cada vez mais pessoas, sem se tornarem fanaticamente espirituais, estão ficando muito impressionadas com sua espiritualidade e não conhecem seus limites, ou seja, as ilusões de forma. Mais cedo ou mais tarde eles olham para trás e vêem que foram vítimas da ilusão de sua espiritualidade. Então eles se jogam em outra forma espiritual, e este circo pode continuar por muitos anos, até que um dia, enojados com a ilusão, saem dela para sempre, e percebem que a consciência está além da forma. Estes têm a oportunidade de ir além dos limites da forma e finalmente descobrir as grandes leis da mente superior.

A crise de identidade espiritual não é mais possível para eles neste momento. Pois eles sabem por experiência própria que tudo serve à experiência da alma contra o ego, até o dia em que o ego sai da necessidade da experiência para conhecer apenas a consciência supramental dentro de si mesmo.

A crise de identidade espiritual está se tornando cada vez mais a crise dos tempos modernos. Pois o homem não pode mais viver só de tecnologia e ciência. Ele precisa de algo mais próximo a ele, e a ciência não pode lhe dar isso. Mas nem a antiga forma ortodoxa de religião pode. Por isso, ele segue uma miríade de aventuras espirituais, ou esotéricas-espirituais, com a firme intenção de encontrar o que está procurando, ou procurando o que quer encontrar, e não sabe exatamente. Então sua experiência o leva às fronteiras de todas as seitas, de todas as escolas filosóficas ou esotéricas, e novamente ele descobre, se for mais inteligente do que a média, que existem limites onde ele pensava que encontraria respostas.

Ele finalmente se encontra sozinho, e sua crise de identidade espiritual se torna cada vez mais insuportável. Até o dia em que ele descobre que tudo nele é inteligência, vontade e amor, mas que ainda não conhece suficientemente as leis para descobrir o mecanismo escondido e velado dos olhos do Homem que procura. Que surpresa ele experimenta! Quando ele percebe que o que estava procurando durante sua crise era apenas um mecanismo da alma dentro dele que servia para fazê-lo avançar para que ele pudesse acordar para si mesmo, ou seja, para ela.

E quando esta etapa é finalmente iniciada, o Homem, o ego do Homem, despreza e começa a compreender a natureza da inteligência supramental dentro dele que está despertando, e o faz reconhecer a ilusão de todos os Homens que procuram fora de si, com as melhores intenções do mundo, e que ainda não perceberam que tudo isso faz parte da experiência da alma que está usando o ego para prepará-lo para entrar em contato vibratório com ele.

O homem não está mais em contato com a realidade de seu ser. E esta perda de contato é tão generalizada no mundo que esta Terra representa uma nave cheia de loucos que não sabem para onde a nave está indo. Eles são liderados por forças invisíveis, e ninguém tem idéia da origem dessas forças, nem de suas intenções. O homem foi separado do invisível por tantos séculos que ele perdeu totalmente a noção da realidade. E esta perda de consciência é a razão por trás do muro de seu problema existencial: a identidade. No entanto, a solução está tão próxima dele e, ao mesmo tempo, tão distante. Se ao menos ele pudesse ouvir o que não quer ouvir.

A guerra das palavras e a batalha das idéias é tudo o que resta a ele. Que Homem pode ser auto-suficiente, se não percebe que uma parte dele é grande, enquanto outra é limitada por seus sentidos, e que as duas podem se juntar? Se o Homem pudesse perceber que ninguém fora de si pode por ele, e que só ele mesmo pode por si mesmo... Mas ele tem medo de viver para si mesmo, porque teme o que os outros vão dizer sobre ele... Pobre homem!

Os homens são seres que perdem constantemente a luta contra a ilusão, pois são eles que a mantêm viva e poderosa. Cada um tem medo de destruir aquilo que o prejudica. Um verdadeiro pesadelo! E o pior ainda está por vir! Pois o Homem do século XX verá seres descendo para ele que se movem entre as estrelas, e que já foram deuses para ele.

O problema da identidade pessoal continua em uma escala planetária. Como este problema surge da falta de conexão entre a mente inferior e a superior, seu efeito é sentido tanto no plano mundial quanto no plano pessoal, pois somente a mente superior pode explicar ao Homem os grandes mistérios de seu planeta e de seus antigos deuses. Enquanto esses deuses fizerem parte da história antiga, o Homem não será incomodado. Mas quando esses mesmos seres retornam e se tornam conhecidos sob uma luz moderna, o choque em escala mundial reverbera, e o Homem, que não descobriu sua verdadeira identidade, se vê preso entre sua falsa identidade - e o que ela pensa e acredita - e o fenômeno cíclico.

Se sua mente está aberta à experiência e recebe da inteligência real dentro dele as informações necessárias sobre um dos fenômenos mais perturbadores para um planeta que ele não conhece e que não conhece, o homem não experimenta uma crise de identidade planetária, porque ele já resolveu a crise de identidade pessoal dentro de si mesmo.

Como a humanidade está se aproximando rapidamente de um ponto de viragem na história e na vida, a individualidade, ou seja, a relação cada vez mais perfeita entre o Homem e o cosmos, deve ser estabelecida, pois é a partir da individualidade real que a vibração encontrada no Homem que descobriu sua verdadeira identidade se manifesta. E enquanto esta identidade real não for estabilizada, a individualidade não será plenamente alcançada, e não se pode dizer que o Homem é "maduro", ou seja, capaz de enfrentar qualquer evento pessoal ou mundial sem ser perturbado, porque ele já sabe disso e sabe o motivo.

Quando falamos de crise de identidade em geral, estamos falando dela de forma psicológica, no sentido de que estamos tentando definir a relação entre o Homem e a sociedade. Mas a crise de identidade vai muito mais longe que isso. Não é mais o homem social que se torna o bastão de medição, a normalidade que temos que alcançar. Pelo contrário, a normalidade tem que ser transposta, ou seja, re-siturada em relação a si mesmo.

Quando o Homem começa a perceber que sua verdadeira identidade está acima da identidade normal do Homem normal entre parênteses, ele percebe duas coisas. Primeiro, que o que preocupa o Homem normal, não o preocupa mais; e que o que perturba um planeta sub-normal, entre parênteses, é normal. Então o fenômeno da identidade real, visto desta perspectiva, torna-se cada vez mais importante, pois determina qual Homem pode superar as fraquezas normais do Homem normal ou inconsciente, e além disso, determina que o Homem que não é mais normal - isto é, na medida do Homem inconsciente e relativamente equilibrado - pode suportar pressões de natureza planetária que ameaçam perturbar um ser normal e derrubar uma cultura que dá origem a tal Homem.

Um Homem que descobriu sua verdadeira identidade está inquestionavelmente acima de todas as formas de experiências psicológicas que correm o risco de perturbar um Homem que é simplesmente o produto de sua cultura, e que vive apenas pelos valores de sua cultura. De fato, uma cultura é um tecido muito fino e frágil quando eventos externos vêm perturbá-la, ou seja, redefini-la em relação a uma realidade que ela não conhece, ou que ela ignora completamente. Este é o perigo para o Homem do fenômeno da identidade não resolvida.

Pois se ele não descobrir sua verdadeira identidade, será escravizado emocional e mentalmente à psicologia social e às suas reações naturais quando os eventos de fim de ciclo perturbarem o curso normal de sua evolução. É aqui que o Homem deve estar livre de reações sócio-individuais, para que possa experimentar a partir de um modo universal de compreensão. Somente a identidade real corresponde ao Homem real e à inteligência real. Somente a verdadeira identidade pode interpretar os eventos cósmicos sem dificuldade, de acordo com uma inteligência desligada das emoções limitantes do Homem.

O problema da crise de identidade no Homem é muito mais um problema de vida do que um simples problema psicológico. As categorias psicológicas que o homem procura compreender em sua busca por si mesmo não se encaixam mais no homem que descobre sua verdadeira identidade, pois ele não tem mais o mesmo interesse na vida que tinha quando estava lutando consigo mesmo. Sua verdadeira identidade tendo preenchido cada canto de seu ser, ele se vê confrontado com um eu que está alojado em outra dimensão de sua mente, uma dimensão ou plano de energia que não é associável por imitação, pois é totalmente independente das categorias psicológicas formadas pelas estruturas emocionais e mentais do Homem inconsciente sem identidade real.

O fenômeno da crise de identidade é um sofrimento para o Homem, porque ele nunca pode ser perfeitamente feliz em si mesmo, consigo mesmo, o que ele está constantemente buscando. Para ele, ser feliz é uma experiência que ele quer viver permanentemente. Mas ele não percebe que para ser o que ele chama de "feliz"*,* ele tem que se sentir bem consigo mesmo, ou seja, ele tem que ser capaz de se sentir em perfeita harmonia interior sem que o mundo exterior perturbe esta harmonia. Ele não percebe que a vida não se distingue até ter o poder interior de perfurar o pano de fundo que lhe dá sua cor.

Um homem que descobriu sua verdadeira identidade não vive mais a mesma vida que vivia antes. As cores mudaram, a vida não tem mais o mesmo apelo, ela é diferente em todos os sentidos. Pois difere da outra vida anterior por ser o verdadeiro indivíduo que determina suas possibilidades, em vez de estas lhe serem impostas categoricamente pela cultura na qual ele está enraizado.

A vida do Homem que descobriu sua identidade representa uma continuidade que se perde no tempo e não tem mais um limite, ou seja, um fim. Esta realização já está presente no modo de vida e na criatividade da vida. Enquanto o homem sofrer de identidade, enquanto não tiver contato com a inteligência real dentro dele, ele só pode prover para si mesmo. Quando ele está na luz, ele não precisa mais prover para si mesmo, pois já sabe, por vibração, o modo de sua vida, e este conhecimento lhe permite gerar a energia criativa necessária para suas necessidades. A categoria psicológica de sobrevivência se desvanece e é substituída por uma energia criativa que emprega todos os recursos do Homem e os coloca à disposição de seu bem-estar.

Para que o homem possa superar seu problema de identidade, uma mudança de valores do plano psicológico para o plano de pura inteligência deve ocorrer nele. Enquanto os valores psicológicos contribuem para sua crise, porque estão limitados a seus sentidos, a seu intelecto que interpreta o material sensorial, ele precisa de uma regra de medida que não esteja sujeita à aprovação de seu intelecto.

É aqui que pela primeira vez surge nele uma espécie de oposição a algo que o penetra e que ele não pode impedir em seu movimento. Quando o movimento começou, é a luz dessa inteligência que é independente de seu ego e de suas quimeras. É aqui que a mudança de valores começa a ser sentida, o que resulta em um sofrimento interior, suficiente para que a inteligência da luz penetre de acordo com o que deve ser experimentado pelo Homem que desperta.

A mudança de valores acontece apenas gradualmente, para permitir que o ego mantenha um certo equilíbrio. Mas com o tempo, um novo equilíbrio é formado e o ego não é mais normal, socialmente falando; ele é consciente. Ou seja, vê através da ilusão de forma e norma, e se torna cada vez mais individualizada a fim de elevar a vibração de seus corpos sutis, nos quais sua verdadeira individualidade e identidade serão baseadas.

A mudança de valores é realmente um colapso de valores, mas nós a chamamos de "mudança" porque as mudanças que ocorrem correspondem a uma força vibratória que transforma a maneira de ver, de modo que a maneira de pensar pode se ajustar à inteligência de um centro superior no Homem. Enquanto o ego não tiver testemunhado este colapso vibracional, ele continua a manter as categorias de pensamento, de símbolos, que constituem as paredes de sua falsa identidade. Mas assim que estas paredes começam a enfraquecer, a mudança de valores corresponde a uma mudança profunda, que não pode ser racionalizada pelo ego. E como não pode ser racionalizado pelo ego, ele é finalmente atingido pela luz, ou seja, é finalmente ligado a ela de forma permanente e crescente.

Sua vida, então, muda em ciclos e logo ele não a vive mais em limites, mas em potenciais. Sua identidade é definida cada vez mais em relação a ela, ao invés de em relação a seus desejos subjetivos. E ele começa a perceber o que significa "o eu real e objetivo".

Quando ele percebe o eu real e objetivo, ele vê muito bem que esse eu é ele mesmo, mais algo dentro de si mesmo que ele não vê, mas que ele sente que está lá, em algum lugar dentro dele. Algo inteligente, permanente e constantemente presente. Algo que observa através de seus olhos, e interpreta o mundo como ele é, e não como o ego o viu antes.

Não dizemos mais que este Homem é "mental", dizemos que ele é "supramental", ou seja, ele não precisa mais pensar para saber. O sofrimento pela identidade está tão distante dele, de sua experiência, que ele se surpreende quando olha para o passado e vê o que ele é agora e o compara ao que ele era.

CAPÍTULO 2

*CRISE DE IDENTIDADE CP 033*

O problema da identidade no homem moderno está suficientemente avançado para criar uma crise global nunca registrada nos anais da humanidade. O problema de identidade não é apenas um problema pessoal, é também um problema planetário.

Em escala global, este problema é acentuado de acordo com o poder destrutivo da civilização. Quanto mais a civilização tende para o abismo, mais ela, por sua vez, gera no homem uma incapacidade de se situar criativamente em relação a si mesmo. Pois a perda de valores civilizatórios cria nele uma espécie de desespero que o "corta" *(corta-o)* da terra outrora fértil, de seu povo, de sua nação, e o mergulha sozinho no caos, onde ele, como ser humano, não tem mais nenhuma razão real para apreciar a vida, porque ela não é mais saudável como um todo, ou seja, em uma estrutura psicológica equilibrada.

É aqui que a crise de identidade se acentua e faz do homem um escravo de todas as pressões externas que ele não pode evitar psicologicamente, porque ele não tem mais inteligência e vontade suficientes. Observamos então o drama humano. A escravidão do Homem pelo Homem e a desintegração gradual da personalidade.

Em escala individual, o problema é restrito ao sofrimento pessoal; em escala global, o problema não tem mais "restrições*"*, e uma guerra de aniquilação torna-se mais provável do que um período de paz. Mas como estamos interessados no Homem como indivíduo, procuramos definir a natureza dos mecanismos que podem removê-lo da imensa onda de maré que ameaça sugá-lo para o abismo de uma civilização cujos recifes já começaram a trespassar a superfície da vida moderna.

O problema da identidade deve ser completamente resolvido pelo Homem antes que ele possa se entregar a uma vida plena e prazerosa. Enquanto o indivíduo procurar se encontrar, ou encontrar sua posição em relação à sociedade ou a outros homens, ao invés de em relação a si mesmo, dentro dessa sociedade, ele é incapaz de viver dessas forças criativas e regenerativas, pois essas forças devem furar a teia que o separa de si mesmo, antes que ele possa usá-las e assim viver uma vida digna de si mesmo.

A verdadeira individualidade do homem deriva da luta que ele pode travar dentro de si pela conquista de seu verdadeiro eu, seu verdadeiro ego, ou seja, aquele ego não manchado por influências externas inauditas, imperceptível a quem não compreende e não percebe a natureza do homem. O ego do homem deve ser fortalecido interiormente e não alimentado externamente. Desta força interior brota o poder criativo e as forças regenerativas que ele precisa para estar bem. A identidade do homem, sua verdadeira identidade, é uma composição perfeita do que ele é, isto é, o que ele percebe e entende através da mente superior.

Não há outra saída para o homem, já que esta saída está ligada ao universal dentro dele. E é a partir do universal que ele deve aprender a viver, não a partir da sociedade. É aqui que reside o problema da identidade. O homem está tão confuso com suas idéias que sua identidade se torna cada vez mais confusa à medida que produz novas idéias cuja inteligência é muito imperfeita para atender às suas necessidades mais profundas.

Quando o homem começa a viver com inteligência, livre de idéias puramente sociais, sua mente começa a funcionar em um novo modo, e gradualmente a vida nele muda, e sua inteligência criativa altera seu comportamento exterior, de modo que o problema da identidade se desvanece. Sua verdadeira individualidade toma forma, e o homem descobre que ele é realmente tudo o que já foi, tudo o que já sentiu, mas se recusou a realizar. Pois o ego prefere viver pelo hábito do que pela pura, ou seja, pela inteligência e vontade instantâneas.

O problema da identidade coincide com a falta de inteligência real, ou seja, supramental, e esta falta de inteligência surge da falta de vontade real. Assim que estas duas forças no Homem se tornam ativas, a inferioridade do ego desaparece e dá lugar a uma consciência egoísta cujo centro está acima da consciência mental inferior do ego, libertando esta última do jugo da auto-valorização, para engendrar em si mesma a paz do Homem.

Enquanto o ego - sozinho para enfrentar os múltiplos aspectos da vida gerados pela alma para sua evolução - não tiver compreendido a importância de se assegurar na inteligência da alma, a falsa segurança que ela pode criar em sua mente inconsciente se voltará contra ela, pois nenhum Homem pode ser permanentemente feliz se não for verdadeiramente inteligente e verdadeiramente disposto. Pois a vida lhe tirará, com o tempo, o falso suporte que ele terá usado para vivê-la.

A vida é amiga do homem somente quando ele aprendeu a domá-la, como se domasse um animal selvagem. E é no decorrer deste aprendizado que o Homem aprende um dos grandes segredos desta vida: que deseja ser domado, subjugado, para que possa servir ao Homem em vez do Homem a servi-lo. É o propósito da luz para servir ao Homem, que apropriadamente chamamos de "evolução".

Mas o homem não entende isso, nem sabe que é assim, pois nunca falou com a luz, a inteligência, a vida dentro dele. Ele nunca o entendeu. Daí sua perpétua crise de identidade e seu sofrimento existencial. Naturalmente, o homem não percebe que a vida não é domada de acordo com sua razão, mas é domada de acordo com o desenvolvimento de sua verdadeira inteligência e vontade. E estes dois princípios crescem nele ao longo do tempo, ou seja, no decorrer da luta, até que ele se torne o vencedor total e incondicional.

Enquanto o homem sofrer de identidade, é porque não entende algo essencial em si mesmo, porque não tem inteligência real suficiente. Somente o tempo pode remediar esta situação. Mas o tempo só é vantajoso para o homem quando ele começa a perceber a verdadeira face de seu ego. E este rosto só emerge de forma marcante quando ele está sofrendo de identidade, quando ele está procurando. Mas este sofrimento deve cessar, caso contrário ele não poderá viver plenamente sua vida.

Por mais que a existência seja uma série constante de distúrbios, a vida real é a permanência da calma, tanto no plano material quanto no éter. Mas a vida deve ser aperfeiçoada no plano material antes que o Homem passe para o éter, ou seja, a inteligência universal e a vontade devem ser tornadas conscientes, canalizadas através do ego, antes que o Homem continue a viver em uma dimensão paralela à matéria.

Mas não são as etapas contínuas e infinitas da vida que nos interessam aqui no momento, mas a vida material dentro de uma civilização material. Não é o plano ou a densidade do plano o obstáculo do Homem, mas seu ego perturbado por forças cuja influência ele não vê sobre ele, o que o viola de sua verdadeira identidade, seu verdadeiro eu. Mas o homem não tem desculpa, pois hoje o homem sabe que há mais nele do que ele pode perceber. O jogo todo é para ele e o jogo todo está nele.

A necessidade de viver de acordo com as leis de uma psicologia cósmica, isto é, uma psicologia total e totalmente independente do aparato sensorial humano, se tornará cada vez mais óbvia para o Homem sofredor da identidade, à medida que os eventos futuros da vida material terrestre se tornarem cada vez mais insuportáveis para uma psicologia materialista e planetária.

No final desta geração, o Homem precisará de uma inteligência interior que não pode ser proporcionada por seu intelecto, pois esta última será abalada até seus fundamentos, pois está chegando o momento em que virão à Terra seres que não são da nossa raça, mas superiores aos nossos em inteligência e poder. Somente a inteligência cósmica interna e universal do homem será capaz de resolver este enigma dos tempos modernos, que o intelecto terá orgulhosamente empurrado de volta às fronteiras do incognoscível, do desconhecido, ou da ficção científica.

Mas o homem só aprende por experiência quando não está na inteligência. Esta forma de aprendizagem pode ser muito dolorosa para o Homem e sua falsa identidade. É melhor saber do que perecer na loucura que tais eventos causam nas raças primitivas.

O problema da identidade é equivalente à ausência de inteligência, e proporcional à falta de luz que ilumina o ego. Quanto mais o ego está na luz, na inteligência, menos ele sofre de identidade e mais está no poder no mundo, ou seja, é verdadeiramente criativo em sua vida.

Devemos ter certeza de que entendemos o que significa "criatividade". Tudo o que leva o homem e sua civilização à harmonia é criativo. Mesmo a inteligência construtiva do Homem está sujeita a este princípio fundamental da vida e da inteligência. Se o Homem constrói uma ciência que cria desarmonia, esta inteligência não é criativa, não vem da alma, mas dos planos inferiores. É por isso que o homem cuja inteligência é altamente construtiva não é imune ao problema da identidade.

Enquanto o homem não superar o problema da identidade, ele continuará convencido de que sua natureza está sujeita ao modo de vida oferecido pelo planeta, ou seja, um modo de vida que é puramente material, descontínuo e limitado pelo tempo, ou seja, a morte.

O esforço do homem para descobrir sua identidade é um enorme desperdício de energia, pois seus centros mental e emocional retardam a passagem da energia criativa para seus dois centros de vida. Embora sua inteligência e seus centros emocionais devam ser utilizados pelas forças criativas, eles se tornaram o apoio egocêntrico do homem, fornecendo-lhe as energias inferiores que são o cerne de seu problema de identidade. As forças criativas devem ser livres para fluir nestes centros do Homem, sem que seu ego interfira com sua subjetividade. Pois é a subjetividade do ego que põe em perigo a passagem da energia cósmica para o Homem, em uma vibração que não é diminuída pelo emocionalismo ou pela mente inferior.

É por isso que o problema de identidade é sério, tanto para o indivíduo quanto para o planeta inteiro. Pois nem o homem nem a sociedade estão evoluindo de acordo com as leis de harmonia que as forças cósmicas constituem. Enquanto as forças da evolução não gerarem choques vibratórios no ego, este último sofre seu problema de identidade em uma escala pessoal. Mas quando essas forças cósmicas penetram na consciência planetária criando choques vibratórios na escala de todo o planeta, o homem é forçado a sofrer seu problema de identidade em escala planetária. Pois as leis do homem são derrubadas e seu ego não pode mais racionalizar o valor de seu devir, pois ele enfrenta a destruição pelo fogo.

Somente o Homem que descobriu sua verdadeira identidade, ou seja, que vive de uma inteligência real que ilumina seu ego, pode sobreviver a tal conflagração sem ser afetado por ela. Pelo contrário, estando na inteligência dos acontecimentos e compreendendo-os, sua vida não é afetada, pois ele sabe muito bem que está prestes a nascer um novo ciclo no qual as condições de vida marcarão uma nova era, na qual os Homens livres viverão uma vida livre, ou seja, inteligente e criativa, ao invés de construtiva e destrutiva.

Onde o Homem experimenta mais intensamente sua crise de identidade é na experiência de sua sexualidade. Pois é aqui que sua natureza humana inferior procura dominar sua natureza superior, através das emoções e idéias que ele constrói para si mesmo a fim de se valorizar. O homem é um todo! Ou seja, as forças universais dentro dele devem harmonizar todo o seu ser. Até mesmo a sexualidade deve ser vivida de acordo com essas forças. Mas o homem não percebe que mesmo a sexualidade é afetada por essas forças e, assim que não coincide com sua idéia, ele se propõe a racionalizar sua sexualidade. Então ele sofre com isso e surge um problema de identidade.

Da mesma forma, na área do amor, ele não reconhece o efeito das forças criativas em sua vida e não vê que todo o seu ser pode ser transformado pelas condições que essas forças podem criar para sua experiência. Desconhecido de sua presença, ele ainda sofre uma crise de identidade que é muito familiar para aqueles que experimentaram a dor do amor.

No trabalho, o Homem enfrenta o mesmo problema, porque o objetivo, o sucesso que ele estabeleceu para si mesmo para se valorizar como ego, lhe escapa em algum lugar no curso de sua experiência... Portanto, outra crise de identidade. E toda a vida é vivida assim, fora da realidade que só a inteligência real pode iluminar e fazer entender.

O homem deve, se quiser desenvolver uma personalidade em conformidade com seu interior inteligente, superar os absurdos da personalidade fictícia. Mas sua emoção e intelecto não facilitam para ele, pois o princípio fundamental de cada ser é constantemente violado no decorrer de sua experiência: aquilo que dita que cada Homem é o que deveria ser, desde que olhe para si mesmo e deixe de olhar para os outros para se comparar com eles. Isto é fácil de dizer, é claro, quando o sabemos.

Mas se é fácil ou difícil de alcançar não é o ponto aqui, já que qualquer Homem, seja ele quem for, pode entendê-lo na escala de si mesmo. Só porque algo é fácil para o interno e difícil para o externo, não significa que não seja acessível para o externo. Se assim fosse, não haveria razão para que o iniciado existisse. Portanto, deixe o Homem olhar o que o torna "inseguro", inferior, inapto, e deixe que ele deixe de conceber a si mesmo de acordo com esta visão. E que ele comece a se ver como "seguro*"* através de sua verdadeira inteligência. Ele se descobrirá como um ser, ou seja, não sofrerá com a identidade.

É o início desta descoberta que é importante, não sua perfeição, pois o tempo produz perfeição, mas o tempo não espera pelo Homem, mas é o Homem que é um prisioneiro do tempo.

A consciência do vazio psicológico é a própria medida do Homem que não sofre de identidade, do Homem supramental. Esta consciência, além do papel da inteligência nela, é o fundamento do ser cósmico, do ser universal, do Homem liberto da crise de identidade que impede o funcionamento dos três princípios universais da inteligência, da vontade e do amor.

O homem não pode estar cheio de si mesmo e, ao mesmo tempo, vazio. Ele deve um dia substituir o cheio, que são ilusões de formas, daí sua crise de identidade, pelo vazio, ou seja, a ausência de tais ilusões, de tais formas. Mas o homem, preenchido como está consigo mesmo, teme o vazio, porque não o entende. Ele teme o vazio porque é perturbado por ele quando ele é sentido, embora a perturbação seja apenas o resultado da limpeza interna de sua consciência mecânica. Somente o vazio elimina para sempre o problema da identidade no Homem, pois não há mais formas nele que ele possa usar para construir uma identidade falsa.

Enquanto o vazio não for suficiente, o homem busca incessantemente algum ideal que faz - ou já fez - de si mesmo, apenas para redescobrir ao longo dos anos que a vida não é o que queremos que ela seja. Claro que não é, porque só o conhecemos através de nossas ilusões. Portanto, estamos constantemente desapontados conosco mesmos e com a vida. E, no entanto, a culpa não é da vida! É o problema do Homem, de sua identidade, que tem estragado tudo.

O homem vive cara a cara com uma idéia que ele tem, ou gostaria de ter, de si mesmo. E esta idéia nunca é o que ele gostaria que fosse, porque é construída de emoções. A base emocional está ligada ao seu papel social, e seu papel social é uma fabricação psicológica que ele constrói de acordo com o que o ambiente lhe oferece. Se o ambiente é saudável, a construção assume uma magnitude mais de acordo com seus desejos; se não, a construção se desenrola pouco a pouco, como os pontos fracos de uma lã mal trabalhada.

Mas quando algo imprevisto acontece na vida do homem... A crise de identidade ressurge e o homem não sabe onde colocar sua cabeça. Viver da inteligência e da vontade obriga o homem a ir além dos limites psicológicos do ego inconsciente, de suas emoções, e a incorporar em sua consciência forças que o tornam um ser cada vez mais "seguro", ou seja, um ser que não precisa mais ser absorvido por todo tipo de problemas que fluem para ele e que é obrigado a viver.

Como todos os problemas do Homem provêm de sua inconsciência, ou seja, de sua incapacidade emocional de vê-los face a face, é óbvio que sua falsa identidade é a maior vítima. E o homem, não sendo "seguro" em sua vida, transpõe constantemente seu problema de identidade para seus problemas de vida e acredita que são os problemas que estão na origem de sua infelicidade, quando na verdade sua infelicidade é o produto de sua falsa identidade, de sua personalidade fraca, de suas emoções.

Que o Homem reconheça que é hora de ele furar a teia de seu intelecto e suas emoções, de ver as sombras, as cores, para a teia como ela é só pode causar-lhe problemas na vida. Pois qualquer falsa identidade tira anos de vida agradável do indivíduo para o benefício dos outros, para o benefício de suas emoções. Pois é bem certo que o Homem só pode ser feliz se viver sua vida de acordo consigo mesmo, em todos os aspectos. E isto é assim, quando as forças da alma dentro dele o obrigam a encontrar um ponto de referência diferente daquele de seu vizinho.

A crise de identidade não pode coexistir com a consciência. Isto é absoluto. E a crise de identidade deve ser superada para que a consciência se instale permanentemente no Homem. E note que a consciência significa inteligência real, vontade e amor. Quando o Homem é despojado da falsa inteligência, da falsa vontade e do igualmente falso amor subjetivo, ele começa a viver de sua verdadeira identidade, ou seja, da luz dentro dele. E da energia dessa luz ele transmuta seus princípios inferiores para um dia mudar sua dimensão, seu plano de vida.

A luta contra sua falsa identidade é sentida assim que ele se dá conta de que o homem só é verdadeiramente ele mesmo quando põe de lado o "si mesmo" ao qual se apega. Não há dois caminhos na vida, há apenas um: o real. O verdadeiro e o falso não são caminhos, mas caminhos. O real é um caminho único, porque todos os caminhos levam a ele.

A crise de identidade coincide com a época do Homem. E quando o Homem deixa o tempo do Homem, ele entra no tempo do Super-Homem. E desta vez não está sujeito às leis do ego, está sujeito às leis da luz no ego. E são as leis da luz que geram no Homem a energia que destrói sua falsa personalidade, sua falsa identidade. É muito importante compreender que a crise psicológica do homem inconsciente vem de sua ausência psicológica, ou seja, de sua incapacidade de compreender o que está acontecendo com ele na vida.

Quando o homem começa a viver da presença psicológica, ele começa a vislumbrar as diferentes manifestações dessa energia e a compreendê-las. E é a partir desta constatação que ele vive e que o leva a se libertar da crise de identidade. Não se pode escapar da crise de identidade até que se tenha penetrado nesta presença psicológica que faz perceber instantaneamente a razão de qualquer influência que tende a definir o ego, ou seja, dar-lhe material subjetivo que poderia usar para colorir sua vida e incitá-lo à crise de identidade.

A crise de identidade é um disfarce que a luz não pode furar, pois ela é parada em seu rastro pela emoção e pelo intelecto. Mas assim que o Homem começa a passar da mente inferior para o supramental, ele começa a ver que de fato tudo o que ele faz coincide com o que ele pode fazer em um determinado tempo de sua evolução. Assim que sua evolução se acelera, seu potencial evolutivo corresponde a esta presença psicológica. E é desta presença que ele se desprende egocentricamente para se abrir à sua centricidade, enfraquecendo assim gradualmente sua crise de identidade.

Enquanto o homem estiver insatisfeito consigo mesmo, ele ainda está sofrendo com a crise de identidade. Quando ele avança suficientemente para o supramental, sua falsa identidade não pode mais prejudicá-lo, pois ele não pensa mais "para" si mesmo como no passado, mas "para" ele mesmo. E é o pensamento "para" ele mesmo que lhe traz uma energia que o obriga a contrariar a influência dos outros. No momento em que ele pensa por si mesmo, ao invés de para si mesmo, a reflexão no ego é atenuada e a mente é fortalecida à custa das emoções subjetivas que cultivam a falsa identidade. Qualquer falsa identidade gera o isolamento do indivíduo.

A verdadeira identidade, ou seja, a centricidade, não oferece nenhuma resistência ao mundo exterior, já que não há mais nenhum esforço, mas cria um muro entre si e o mundo exterior que impede que este último perturbe a psicologia do indivíduo. Não mais perturbado, ele não sofre mais com a identidade. Mas o Homem nunca viveu o próximo ciclo, ele não percebe que este ciclo é um ciclo completo, ou seja, o Homem será totalmente transformado pela energia, e não será levado gradualmente ao longo dos séculos a um nível superior de consciência. É por isso que este século é o mais difícil de todos, o mais difícil de todos os que já se passaram.

Pois no passado as grandes forças socioculturais serviram para instruir o Homem, enquanto que no futuro o Homem será instruído a partir de dentro de si mesmo, e terá que suportar sozinho o fardo dessa instrução. Enquanto a instrução interior coincide com a inteligência da luz no Homem, ela também coincide com a psicologia supramental do Homem. Quando o homem questiona esta inteligência, ele descobre que ela é perfeita, mas acima de seu ego, libertando assim o ego de qualquer necessidade de encontrar ou buscar uma identidade pessoal consigo mesmo.

O problema da identidade é uma ilusão do ego, pois o ego, sozinho em sua interpretação da realidade psicológica, é incapaz de seguir perfeitamente as linhas de seu pensamento e de se relacionar com a origem de seus pensamentos, pois está sob a ilusão de que está pensando.

Mas assim que ele começa a compreender esta ilusão, torna-se cada vez mais fácil para ele voltar através de um pensamento aberto ou objetivo à origem de si mesmo, e no processo de perceber que seu eu é apenas uma forma de sua imaginação interpretar o material psicológico de acordo com um princípio pré-pessoal que o desengaja do valor emocional de sua personalidade.

Assim que se desvinculado do valor emocional de sua personalidade, ele se propõe a compreender a si mesmo em relação à sua inteligência real, em vez de compreender a si mesmo em relação ao seu intelecto, que é forçado a aceitar as conclusões emocionais de sua personalidade. Conclusões que tendem a se conformar com o homem social, para que o ego se sinta bem consigo mesmo no homem social. Mas o ego não pode estar certo consigo mesmo se ele concluir de acordo com uma escala fora de si mesmo.

A crise de identidade é sempre proporcional à distância do ego do centro de si mesmo. E este centro não pode ser alcançado pela conclusão emocional ou intelectual, mas pela superação de seus valores subjetivos. O ego deve se deixar penetrar pela vibração da inteligência supramental, para ver que o que ele é, e naturalmente o que ele deve ser, e o que ele está se tornando, é uma extensão no tempo e um aperfeiçoamento do que ele é, pois cada Homem é um ser em potencial. Mas o potencial só pode ser realizado depois de perceber a inteligência da luz dentro dele que move o intelecto e o ilumina.

A crise de identidade é o esquecimento de si mesmo sob os escombros da falsa personalidade. E para que o Homem saia do esquecimento de si mesmo, ele deve ser chamado à sua memória cósmica, daí a necessidade de se comunicar com a inteligência real, cósmica e universal dentro dele. Mas não é fácil quebrar a teia de falsa identidade para entrar em comunicação com uma inteligência que corre o risco de destruir para sempre esta identidade subjetiva. E este é o problema do ego.

É por isso que o homem que vai ao supramental, vai sozinho e descobre sozinho a verdadeira natureza da identidade do homem. E quando ele percebe isso, ele não é mais o mesmo, ele não procura mais quem ele é, pois o que ele descobre é tudo o que ele é. Não sendo nem mais nem menos do que o que ele descobre, ele não vive mais sem se conhecer a si mesmo, mas de dentro de si mesmo. Ele está bem em sua pele e ninguém pode usá-la para ele, pois só ele a conhece e só ele a aprecia, e só ele a transforma em uma pele cada vez mais real, cada vez mais vasta, cada vez mais em conformidade consigo mesmo, aquele "ele mesmo" que não está sob o jugo da subjetividade emocional e mental, alimentado por valores fora de si mesmo. Ele começa a ser livre, ou seja, livre do problema da crise de identidade.

Se o homem se analisa a si mesmo, não é o próprio real que ele descobre, mas aquele que ele gostaria de ser. Este é um erro grave, pois o Homem só é construído do material que está disposto a deixar penetrar nele livremente, e não das idéias que ele adota porque elas parecem se encaixar bem com o desejo que ele tem de se ver de tal e tal forma. A vida não é um alfaiate para a personalidade, mas uma força que penetra na personalidade e a habita na perfeição, se esta for suficientemente robusta e inteligente, ou seja, se o ego for suficientemente forte em espírito e sensível.

A partir desta condição, a personalidade percebe que não precisa se preocupar com a roupa que a vida lhe oferecerá à sua maneira e de forma perfeita, desde que o ego se comprometa a se definir bem, ou seja, a se ver bem através da luz que passa por ela. Se conseguir se ver através desta luz, a personalidade estará bem vestida, pois o ego terá canalizado bons tecidos para embrulhá-la.

A crise de identidade perturba o ego e diminui a personalidade. Quando termina, o ego está calmo e a personalidade radiante, pois os dois estão finalmente unidos em uma túnica: a realidade psicológica do ser, uma realidade que vive apenas de dentro e se espalha criativamente para fora. Enquanto o Homem Terra continuar a perverter sua realidade, ele gerará seu próprio sofrimento, pois o sofrimento é a interferência do ego com os choques vibratórios da luz da alma que cria eventos para a edificação do ego ou para sua evolução.

Se o ego entende seu lugar na vida, a luz torna a vida fácil para ele, caso contrário torna a vida difícil, pois a vida inconsciente é anti-luz. Para que a vida seja bem vivida, o homem deve se desligar de sua pequenez e se ligar perfeitamente à natureza universal de si mesmo, sua inteligência, sua vontade, para que um dia ele possa viver do amor que cria e harmoniza. Mas enquanto ele duvida de si mesmo, ele está arrastando seus pés na profundidade de seu problema existencial, a crise de identidade.

E um dia o homem terá que perceber que a crise de identidade, em escala planetária, é a raiz da grande ansiedade, da grande tristeza, da grande e aterrorizante revelação. Os tempos são marcados e o homem deve conhecer a si mesmo ou morrer. Não é o Homem como um ego inconsciente que ditará a evolução de sua vida amanhã, mas o espírito do ego que imprimirá em sua memória a lei da luz. E esta lei será a lei do novo Homem, o Super-Homem. A crise de identidade acabou para sempre!

CAPÍTULO 3

*DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE CP103*

A identidade do homem é uma questão de seu poder psicológico sobre as influências planetárias que o liga à emoção psicológica, ou seja, à emoção enraizada nos valores psicológicos de sua cultura, de sua raça. O desenvolvimento da identidade do Homem só pode vir com a neutralização mais ou menos avançada de suas necessidades emocionais, astrais diante da vida e de suas exigências coloridas pela emoção humana. O homem não é um ser perfeitamente equilibrado em suas energias, portanto, sua identidade só pode ser uma função desse equilíbrio mais ou menos desenvolvido.

A crise de identidade é acentuada quando os fundamentos da psicologia humana são desafiados. O ser humano tem então apenas a si mesmo como ponto de referência. Ele não pode mais confiar em uma estrutura que absorveu durante sua educação sentimental. É a partir deste ponto da vida do homem que ele começa a descobrir os aspectos mais ou menos escondidos de sua identidade e começa a perceber, não o que ele é no início, mas do que ele é construído. Tendo compreendido do que ele é construído, ele pode compreender o que é e o que pode fazer na vida para cumprir seu destino além das influências planetárias que serviram para construir seus planos inferiores.

A crise de identidade do homem moderno é profunda e não oferece uma resolução completa e perfeita até que ele tome consciência das leis de energia que constituem o material profundo que governa sua vida desde os planos superiores até os planos inferiores das influências planetárias. Para que o homem moderno possa descobrir sua identidade, para que possa perceber um pouco mais claramente o que ele é, do que ele é feito, ele deve ser capaz de reconhecer em si mesmo um princípio básico que ativa todos os seus princípios inferiores, e este princípio básico é a energia de seu duplo, de sua inteligência criativa. Este princípio só pode ser percebido e reconhecido pela comunicação mental ou por vibração.

Assim, para que o homem possa descobrir sua identidade, ele deve ser capaz, em algum momento, de se sobrepor ou ver através da expressão inteligente e velada deste princípio, e se aplicar a viver pela energia criativa deste princípio. Mas para viver pela energia criativa deste princípio, o ego não deve mais ser capaz de questionar sua ação no plano material. Se duvida de sua ação, ela se submete ao astral ou ao reflexo do princípio e é então forçada a viver ou sofrer o que podemos chamar de torturas mentais, ou seja, uma amálgama de pensamentos de todos os tipos que representam a conformidade de sua memória racial e sua sistemática oposição à energia criativa da ação nascida da identidade da consciência supramental.

Para o homem evoluído, quanto mais ele busca sua identidade, mais sua cultura o prende, e mais difícil se torna adquirir essa identidade, pois ele corre o risco de perder mais hoje do que no passado nessa busca pessoal, a menos que ele esteja suficientemente consciente interiormente para anular as miríades de formas que fluem para ele de fora e procurar mantê-lo cego. Assim, a crise de identidade, como o Homem a conhece, torna-se o eventual desafio de sua natureza humana contra sua natureza cósmica e, além disso, a eventual fusão entre sua natureza cósmica e humana. Mas o homem deve reconhecer o desafio, caso contrário ele corre o risco de espiritualizar sua natureza humana a tal ponto que nunca poderá descobrir seu poder oculto.

O homem não deve esquecer que sua chamada natureza inferior é assim por causa das influências planetárias que a compõem. Quando o Homem se dá conta disso, está pronto para enfrentar sua natureza cósmica e canalizá-la de acordo com suas necessidades cada vez mais harmoniosas, para que aprenda a tempo de reconhecer sua identidade, ou seja, a qualidade superior de sua inteligência e a natureza superior de sua vontade. O homem acreditava no passado que sua identidade poderia ser harmonizada com as forças espirituais para dar-lhe a unidade que ele buscava para a felicidade na Terra. E ainda assim, todos os esforços místicos e espirituais da humanidade levaram o Homem a uma força mais ou menos definitiva e mais ou menos benigna de alienação psicológica.

O homem precisa reconhecer, viver livremente fora das boas ou más influências planetárias, porque ele precisa expressar o que há de totalmente novo nele. Quando dizemos novo, queremos dizer aquilo que não faz parte de sua memória. É somente quando o Homem experimenta novidade e renovação que ele aprende a medir sua inteligência criativa e vontade e descobre que sua vida e identidade são parte integrante de sua chamada consciência supramental. A dificuldade do homem em descobrir sua identidade deve-se ao fato de que ele não tem provas suficientes da realidade de seu duplo. Mas ele não percebe que a fraqueza da prova está ligada precisamente ao influxo de influências planetárias que servem de material para sua consciência psicológica e subjetiva.

Aqueles que, por razões de trabalho particular, conheceram a prova, a experiência absoluta, não são marcados por esta dificuldade, mas são obrigados, devido à relação profunda que têm com o duplo, a fazer o dom de sua personalidade. De um lado ou de outro, o homem é obrigado a avançar lentamente, ou a sofrer brutalmente na descoberta de sua identidade. Enquanto o homem tiver que reconhecer a diferença entre o bem e o mal para ter certeza de que está no caminho da descoberta de sua identidade, ele é obrigado a experimentar, dia após dia, a crise de identidade, pois esta crise nasce de sua aliança com a psicologia de sua raça, de seu povo.

O ser humano deve ir além da condição psicológica de sua experiência racial para ter acesso à realidade de seu duplo, ou seja, à energia de sua consciência superior. Mas isto deve ser feito sem perder o contato consigo mesmo, sem estar sujeito de forma alguma a qualquer impressão que procure tirar-lhe a escolha de viver plenamente.

Assim que o homem perde a escolha de viver plenamente sua vida, ele sucumbe a uma influência planetária dentro dele que faz parte de sua consciência espiritual. Agora, a consciência espiritual do homem é a totalidade das influências planetárias sobre sua consciência egoísta, a soma total das mais altas influências astrais. E esta condição, se não for verificada pelo próprio homem, provavelmente fechará a porta para sua identidade nesta vida, pois a identidade do homem não pode ser separada ou dividida em espiritualidade e materialidade. É construído da consciência de ambos os aspectos nele e de um terceiro, que é sua inteligência pura e sua vontade real.

A identidade do homem está acima da polaridade de sua consciência espiritual e material. Tanto que quanto maior e mais profunda a identidade, mais alto o Homem está acima de sua consciência espiritual e material, e melhor ele os conhece a ambos a fim de usá-los bem.

Portanto, a identidade do homem, sua crise, é um reflexo de sua incapacidade de segurar tanto o ferro da materialidade quanto o bálsamo de sua espiritualidade em suas mãos esquerda e direita. E ainda assim ambos são importantes porque ambos são parte da experiência de sua natureza inferior. Mas o homem acredita que sua espiritualidade é parte de sua natureza superior, pois ele ainda não pode compreender que a inteligência e a vontade estão acima dessa natureza. Somente quando sua natureza inferior tiver aumentado em seu poder de percepção, ele poderá trazer para sua natureza inferior a inteligência e a vontade que precisa para enriquecê-la, e dar a sua vida no plano material o poder necessário para superar os obstáculos de uma civilização sofisticada e mecânica.

A crise de identidade do homem moderno é o grande prenúncio de uma evolução futura. Tudo o que resta é o Homem descobrir os indicadores que servirão como seus guias, a fim de perfurar com finalidade o véu de insegurança psicológica que resulta desta crise aguda.

O homem não tem consciência real, então ele só pode realmente ver o que está se tornando quando a energia de sua consciência, a energia de seu duplo, começa a obstruir a mecanicidade de seu ego. Esta é a primeira prova dada ao novo homem.

Depois vem a fase em que ele deve controlar a energia a fim de canalizá-la para seu bem-estar. Mas ele só será capaz de controlá-lo quando tiver compreendido plenamente estes dois aspectos inferiores, o espiritual e o material, e lhes tiver dado seu devido lugar, sem tirar de si o benefício da liberdade. É então que se pode dizer que o homem está descobrindo sua identidade, pois esta descoberta de identidade coincidirá precisamente com o equilíbrio dentro dele do espiritual e do material.

A energia do homem, seus princípios subjetivos e cósmicos, não pode ser usada e controlada por ele até que este equilíbrio tenha sido estabelecido, pois o uso desta energia exige que o homem não tenha apego nem ao espiritual nem ao material, mas que seja total e puramente inteligente e voluntário.

Agora, a vontade e a inteligência que surgem do equilíbrio destes aspectos de sua natureza inferior não podem ser condicionados por nenhum destes aspectos, pois eles só podem ser ativados quando estes aspectos não têm mais influência psicológica sobre ele, estes aspectos devem ser restringidos em seus poderes de influência sobre a inteligência e a vontade do Homem. Ele está então em sua identidade, está então supraconsciente, está então às portas da imortalidade de sua consciência.

A crise de identidade do homem é simplesmente o início de sua evolução, pois não só ele deve descobrir sua identidade, mas também deve descobrir sua possível ligação com as forças organizacionais da evolução. Esta descoberta só pode ser feita quando o Homem tiver integrado plenamente dentro de si a energia de seus princípios superiores com a de seus princípios inferiores. Seus princípios superiores são inteligência, vontade e amor. Seus princípios inferiores são intelecto, emoção, vitalidade e o corpo material. Para que a identidade do homem seja cósmica, real, ou seja, perfeita, ele deve nascer de novo, deve deixar de viver pela memória de seus princípios inferiores e começar a viver pela energia de seus princípios superiores através de seus princípios inferiores.

Esta condição elimina nele a necessidade de ser, humanamente falando, normal, a fim de tornar-se supranormal, ordenado em sua vida, de uma forma que se adapte a seus princípios superiores harmonizados com seus princípios inferiores. Mas a passagem de uma consciência para outra é tão tortuosa que o ser normal, ou a consciência normal, tem dificuldade em se tornar "supernormal"*,* porque demasiadas lembranças, demasiadas influências planetárias, a retêm. E é por isso que a supraconsciência só pode chegar ao Homem com o tempo, pois só o tempo destrói a memória, só o tempo impede o reflexo do ego, só o tempo eleva o Homem a uma consciência cuja natureza está perfeitamente harmonizada em todos os seus planos.

Como o Homem é chamado a trabalhar com outros Homens, que chamamos de imortais, para aperfeiçoar a ligação entre a Terra e outros planetas, é necessário que ele compreenda e reconheça que sua identidade é o passaporte para estes encontros, para estes laços bastante normais, mas supra-normais. E é esta qualidade de "supra-normalidade" que exige que o Homem empregue sua energia em outras funções que não o exercício de uma memória subjetiva e racial.

A busca da identidade levará o Homem à conquista da matéria e à aplicação, no plano material, de forças criativas que só podem ser geradas por uma consciência total e indivisível. Esta condição futura do Homem o predisporá a retomar o controle da evolução de sua biosfera e das ordens ligadas a ela no plano pessoal.

A crise de identidade do homem moderno se tornará aguda no tempo entre os povos mais civilizados, pois o deslocamento psicológico criado pela tecnologia e suas conseqüências serão grandes demais para o homem comum, e o forçará a recorrer a outros caminhos que lhe são apresentados no devido tempo para sua evolução, e a descoberta de uma realidade cósmica mais próxima a ele do que ele pode imaginar hoje. A crise de identidade coincidirá, para o homem, com um evento importante em sua vida, e a partir deste evento, sua evolução futura fluirá.

Todo ser humano tem, inconscientemente, uma vibração que o liga ao invisível, e esta vibração pode, embora não se aperceba a princípio, alterar profundamente sua psicologia para que reconheça, cada vez mais, as profundas ilusões de sua realidade psicológica. A personalidade do homem pode ser derrubada assim que ele passar para um estágio mais avançado de evolução, pois ele é obrigado, nesse estágio, a reconhecer por si mesmo que ele não é o que pensava ser. E a partir desta constatação, ocorre nele um processo de mutação psicológica que o faz reconhecer que há mais na vida planetária do que seus sentidos podem, nesta fase, fazê-lo reconhecer.

A identidade do homem é necessária em vários níveis. Primeiro, no nível psicológico, para fazê-lo reconhecer que ele é um ser totalmente desequilibrado. Em segundo lugar, no nível vibratório, para colocá-lo em um campo de energia harmonizado com seus princípios inferiores. E, em terceiro lugar, dar-lhe a possibilidade de realizar conscientemente a natureza da vida, tanto no plano material como em outros planos paralelos, para que, ao descer ao globo, esteja preparado para forças criativas que o façam descobrir as leis da matéria e da força vital, uma descoberta que dará novo impulso à civilização de hoje, que corre o risco de não mais ser capaz de controlar, em determinado momento, as conseqüências do que terá colocado à disposição do Homem planetário e inconsciente.

Assim, a crise de identidade deve ser realizada como um aspecto inevitável do confronto entre o invisível e o material. Agora, este confronto foi teoricamente descartado pela lógica do Homem. Ela terá que ser reconhecida inevitavelmente, nos tempos que virão, pelo ser humano que terá sido abalado pelos acontecimentos e transmutado pela energia que se manifestará a ele nas formas mais inusitadas da experiência humana.

O homem não pode ser perfeitamente feliz se não descobriu sua identidade, porque não pode estar seguro da natureza de seu ser e da qualidade de sua vida. Portanto, ele não pode usar sua verdadeira vontade para dar a sua vida o equilíbrio necessário para vivê-la em plenitude.

Por que é tão difícil para o homem descobrir sua identidade? Porque ele não tem vontade suficiente em sua inteligência e inteligência em sua vontade. Para que ele viva apenas de acordo com seus sentimentos, mais ou menos reais, mais ou menos vantajosos. Se o homem pudesse reconhecer imediatamente a real desvantagem de seus sentimentos subjetivos, ele se impulsionaria através da vida, ele seria capaz de viver de acordo com a energia criativa de seu duplo, ao invés de viver preso à cauda de sua memória egoísta e circunstancial.

Mas a descoberta da identidade só pode ser feita por causa da constante oposição do ego à energia de sua consciência criativa, para que seja lembrada, demonstrada, constante e incessantemente, que é muito mais do que pensa e muito mais próxima de si mesma do que ousa ou quer admitir. Daí o fascínio do Homem consciente com seu novo modo de vida, quando ele percebe que a vida não começa na Terra sólida, mas nos planos sutis de sua realidade. A identidade do homem torna-se cada vez mais permanente a partir deste ponto, pois ele não pode mais retroceder ou ter a impressão de regressão. Ele só pode descobrir, dia após dia, que há muito tempo ele já era de outra forma.

A busca de identidade pode ser feita de muitas maneiras, filosoficamente, espiritualmente, psicologicamente. Mas só pode ser definitivo em termos da integração total dos princípios superiores e inferiores do Homem. O tempo não tem medida aqui, pois serve para a reorganização do Homem, e todo o tempo necessário deve ser utilizado para trazer, no plano mortal, as condições futuras do novo Homem. Se a descoberta da identidade final do Homem está ligada à aplicação das leis vibratórias, é para dissuadi-lo de acreditar numa identidade espiritual que é meramente uma ilusão do ego.

Se o estado vibratório da nova consciência do homem é a medida de seu sofrimento e ação criativa ao mesmo tempo, é para lembrá-lo que há mais em sua identidade do que o mero conforto psicológico, filosófico ou espiritual que seu ego em evolução pode lhe dar. A medida de sua consciência pessoal se torna cada vez mais vasta e mais esquiva, e então cada vez mais real à medida que aprendeu a domar seu interesse em si mesmo, ou seja, em um eu que ainda não está à altura do eu real, um eu que ainda não é verdadeiro, pois ainda não é identificável com uma fonte cósmica dentro dele que é vontade, inteligência e amor, objetivo e universal.

O que torna difícil a descoberta da identidade é também a incapacidade natural de viver sem um aparente direito de escolha, uma condição que ele reconhece cada vez mais quando se torna consciente e ainda não dominou a energia dentro dele. Agora, esta energia, que a princípio ele procura neutralizar, deve eventualmente servi-lo. Mas antes que ele possa usá-lo, ele o usa, e esta situação dura enquanto ele não vê através de suas ilusões. A partir desta situação, o homem descobre sua identidade apesar de si mesmo, apesar de ter reconhecido que existe um todo, uma unidade de ação e consciência que liga o mortal ao invisível e lhe dá o poder criativo de sua identidade.

Se a identidade do Homem fosse dada a ele sem este longo período de ajuste, ele não seria capaz de reconhecer sua importância como Homem, ele viveria apenas em uma relação exigente entre a energia e ele mesmo. Esta seria uma vida insuportável, pois o Homem teria perdido de vista sua importância planetária.

A identidade do homem deve estar em conformidade tanto com as leis de seu ser planetário quanto com as leis de sua consciência universal, caso contrário ele não pode operar no plano material como um agente livre. Portanto, será cada vez mais importante para todos os que experimentam o contato com sua energia perceber que o pólo do Homem é um pólo absoluto, pois o pólo do duplo é um pólo absoluto. Caso contrário, haverá dissolução psicológica do pólo humano, perda total da identidade real, substituída pelo fenômeno muito comum da posse astral e planetária invisível.

A identidade do Homem é uma nova característica da nova Humanidade. Ela não pode ser adulterada em nome de uma falsa identidade que é a preocupação das influências planetárias. O interesse do homem em seu eu consciente é absolutamente importante para evitar que forças vibracionais baixas interfiram na evolução e utilizem estratagemas duvidosos e equívocos que possam dar ao homem a impressão de ser real. Quando um humano é real, ele é real para si mesmo e não necessariamente para os outros. Se outros forem reais, haverá união de suas mentes, caso contrário, a separação será inevitável no tempo.

A identidade não pode ser forjada, adulterada, alimentada ou construída a partir dos planos inferiores do Homem, pois é o produto, no início, da consciência que surge da descida para os planos inferiores da energia criativa do ser cósmico no Homem. Qualquer influência sobre o homem dos planos inferiores de sua consciência planetária, por mais oculta que seja, só pode levantar um véu de ilusão diante de seus olhos que só a energia de sua própria inteligência, sua própria vontade, pode destruir.

Se o homem perde a consciência de si mesmo em um nível psicológico, não é para tornar-se falsamente consciente de si mesmo em outro nível psicológico. Caso contrário, qual é a utilidade da evolução do Homem? Ele só tem que passar de uma ilusão para outra. É por isso que, quando o homem descobre sua identidade, ele deve experimentar, em algum momento de sua vida, a experiência do bambu que racha, a experiência do nó que se dissolve, e que então dá um vislumbre de sua realidade profunda, nem ligada a sua psicologia subjetiva, nem ligada a qualquer influência planetária, espiritual ou oculta.

A identidade do homem requer um alto nível de compreensão de sua realidade egoísta, ou seja, de sua inteligência egoísta.

A inteligência do ego, quanto mais real ela é, mais psicologicamente elusiva ela é, e mais realizável ela está em ação. A ligação entre inteligência e ação é de grande importância, pois implica um desengajamento psicológico, ou seja, um desengajamento emocional, subjetivo ou astral. É então que o ego transpõe sua realidade para o material a partir de sua fonte no éter.

A identidade do ego é um fenômeno mais ou menos avançado de acordo com a evolução do ego, da estreita relação entre o duplo etérico e o Homem. Quando o ego descobre sua verdadeira identidade, seu espírito está em paz, ou seja, a energia do duplo está em harmonia com seus princípios inferiores.

O espírito do Homem é a totalidade de seus princípios inferiores. Quando seus princípios são harmonizados com o duplo, o ego está em estado de consciência avançada, de consciência pura, pois não há mais nenhuma influência planetária ou astral sobre ele. É a partir deste momento que o homem se descobre em sua criatividade, em sua inteligência criativa, e reconhece a natureza de sua verdadeira identidade. É óbvio que o ser humano, no curso da involução, deixou de ser ele mesmo, já que o contato entre ele e sua realidade egoísta, ou seu duplo, tomou um rumo inversamente proporcional à sua inteligência real. É por isso que o problema da identidade se tornou o maior problema da Humanidade.

Enquanto o ego não puder registrar em si mesmo a manifestação total de seu duplo, não pode conhecer a si mesmo como um ser idêntico a si mesmo, pois não pode distinguir entre a ilusão de sua personalidade e a realidade de sua pessoa. O ego deve descobrir sua pessoa e sua personalidade deve ser apenas a expressão, no mundo, de sua pessoa. A pessoa do Homem é real, porque é idêntica em vibração ao dobro. A pessoa do Homem é como o contorno do duplo, enquanto a personalidade do Homem é a coloração desse contorno. E se houver muita coloração, descobrimos uma personalidade que impede a pessoa de se manifestar, daí o problema da identidade.

As ciências esotéricas quiseram dar ao Homem um vislumbre de sua pessoa, para permitir-lhe sair de sua personalidade, investigar ou tocar os aspectos ocultos de sua pessoa. Mas não puderam, porque não era o momento de tornar o Homem consciente, perfeitamente em harmonia com seu duplo, que está ainda mais escondido do que sua pessoa. Assim, a busca da pessoa, além da personalidade, criou um movimento para o retorno do Homem à sua fonte. Mas o trabalho não estava terminado. Para que o Homem tome consciência de sua pessoa, o duplo deve registrar sua impressão, sua vibração, para que a pessoa esteja totalmente ajustada à personalidade, para que o Homem possa descobrir sua identidade.

É por isso que os seres mais avançados sentirão no futuro que as escolas antigas, ou as filosofias antigas, ou os sistemas antigos e esotéricos, não são mais suficientes para eles. E é a partir deste ponto que o Homem será obrigado a experimentar sozinho a penetração da energia do duplo através da pessoa, para finalmente transformar a personalidade. Este movimento de energia para o Homem criará um elo entre o duplo e o ego, e o Homem descobrirá sua identidade, ele será então criativo. Com o tempo, à medida que a vibração do duplo se torna mais sutil e penetrante, o Homem se tornará criativo.

Mas antes de se tornar um criador, ele terá que se tornar criativo. Pois a criatividade é a relação perfeita entre o duplo e a pessoa e a personalidade, enquanto que a criação é o poder do duplo no plano material. Mas para o duplo agir no plano material, o homem deve estar em sua identidade, ou seja, deve reconhecer sua pessoa além de sua personalidade e ser capaz de viver em perfeita harmonia, como pessoa, com a energia poderosa e criativa do duplo. Sua personalidade, portanto, é apenas uma manifestação de sua pessoa. E o ego não é mais prisioneiro dele, ou seja, não é mais astral em sua inteligência, pois quando há astralidade na inteligência do ego, sua pessoa não pode se manifestar perfeitamente, então sua personalidade é mais ou menos real.

É por isso que ela tem dificuldade em realizar sua identidade, que é a relação entre estes três aspectos de si mesma. A identidade do ego corresponde mais ou menos a sua consciência pessoal, pois ele está constantemente sujeito a pensamentos astralizados que não têm poder. O pensamento é poder, mas ele perde seu poder assim que a personalidade implica uma perda de ressonância sobre a pessoa. Pois é através da pessoa que o pensamento pode se tornar ativo e criativo. E se o Homem não conseguir se ligar no nível de sua personalidade à sua pessoa, seus pensamentos, ao invés de ajudá-lo a superar as ilusões de forma, tenderão a amplificar a forma. E é este processo no Homem que podemos chamar de consciência astral, ou consciência astralizada, ou consciência planetária.

Agora, a consciência astralizada do Homem perde seu poder sobre a personalidade quando o ego perde o gosto ou o desejo de controlar seu destino. Isto não é fácil para o ego, pois ele não percebe que o que ele é não é senão uma fabricação instantânea de seu duplo através de sua pessoa, para ou contra sua personalidade. Se a fabricação vai em direção à personalidade, o ego é feliz, se vai contra a personalidade, o ego é infeliz. Embora o ego deva um dia simplesmente sentir-se bem consigo mesmo, ele deve estar perfeitamente em paz de espírito, perfeitamente equilibrado em seus princípios inferiores. A descoberta da identidade do Homem é um novo fenômeno evolutivo.

Está chegando o momento em que o Homem Terra não estará mais sujeito às inteligências astrais ou ao éter, portanto, ele será perfeitamente real. E a fusão será então a marca do Homem, e a inteligência nele, seu duplo, estará em relação harmoniosa com as inteligências do éter. Enquanto que as inteligências do astral serão forçadas, por sua luz, a se afastar dele. Portanto, a magia negra não será mais o poder da nova raça raiz, e a magia branca será substituída pela ciência do átomo. Para que o homem perceba e compreenda que sua identidade não tem relação com sua personalidade, ele terá que reconhecer que seu ego é o único aspecto dentro dele que pode bloquear esta realização.

Pois o ego ou está subjugado à personalidade, ou está cada vez mais impressionado, vibrando, pelo duplo que se opõe a um de seus aspectos reais, em outras palavras, a pessoa. Mas o ego não gosta de sua pessoa, ele prefere sua personalidade, até sentir que sua pessoa é inteligente, no seguinte sentido. Se o ego sente que sua pessoa é inteligente, mas sem personalidade, então ele começa a viver, a reconhecer sua pessoa, e a energia do duplo o sustenta cada vez mais em todos os níveis. Mas se, em vez disso, sente que sua personalidade é inteligente, está na ilusão de seu ser e perde contato com aquilo que está mais próximo de si, sua pessoa.

Ainda há demasiados véus nele, e o tempo deve fazer um trabalho. A crise de identidade do Homem moderno não pode ser amenizada, pois o ego de hoje está sendo aperfeiçoado em algumas partes do mundo a partir da influência vibratória do duplo. Mas esta crise não faz parte da consciência geral da Terra, esta crise é apenas parte do deslocamento entre o ego e suas aspirações mais profundas que ele não pode reconhecer e retornar à sua realidade. Se falamos da crise de identidade, falamos dela de forma oculta, ou seja, trabalhamos primeiro de uma camada da chamada consciência espiritual, para trazê-la a uma consciência supramental e supranormal, para que o éter da Terra seja alimentado pelo éter do Homem.

CAPÍTULO 4

O PLANO ASTRAL CP006

O plano astral é uma camada de energia que faz parte da consciência de todos os seres em evolução que passaram além do estágio animal de evolução. Este plano de energia contém propriedades especiais que lhe conferem a qualidade de representar, no mundo da consciência, uma ampla gama de imagens criadas em experiência por seres em evolução. Essas imagens infinitas são a base com a qual esses seres interpretam o mundo invertido da matéria.   
  
Nesta camada de consciência, a relação entre a luz e as forças gravitacionais do cosmos está totalmente suspensa. Para que a gravidade que serve no universo para manter os mundos unidos não tenha poder. E essa falta de poder da gravidade no mundo astral, ou no chamado "plano astral", permite criar, ou ser reconhecido como sendo, um mundo de imaginação onde todas as possibilidades existem, e onde todas as realidades são condicionadas pela experiência adquirida.

Este plano de energia é extremamente importante para a evolução, pois serve de armazém para todas as formas de experiência emocional e mental, reunidas por uma Humanidade que necessita, em sua evolução, de todas as categorias de experiência para explicar à mente do Homem, ao ego, os valores simbólicos de sua experiência.

O mundo astral não é um mundo real, mas é um mundo que contém dentro de si todas as possibilidades da realidade. Explico: as possibilidades da realidade são as probabilidades programadas nos planos da vida do homem, tanto no futuro como no passado, a fim de permitir-lhe interpretar os diferentes aspectos de sua vida da melhor maneira possível, em relação aos dados que lhe são impressos na mente inconsciente quando ele está em estado de sono. Esta impressão na mente inconsciente quando o Homem está em estado de sono, torna-se viva durante o dia quando ele usa suas emoções e pensamentos para criar um mundo imaginário necessário para a sobrevivência psicológica de seus desejos.

O plano astral é uma vasta gama de possibilidades que contém todas as condições possíveis e imagináveis que um Homem precisa, a fim de eventualmente conquistar as alturas longínquas da consciência mercurial. Esta consciência mercurial aparece em nosso sistema humano quando o Homem desenvolveu suficientemente seu corpo mental para poder reajustar a inteligência natural de sua consciência animal com os dados de uma evolução superior, que são necessários para que ele possa progredir nas grandes escolas do cosmos, quando ele tiver terminado sua sobrevivência na Terra física e material.   
  
O plano astral tem uma função definida no Homem, ou seja, dar a ele o alimento necessário para determinar em seus estados de sono as várias aplicações de sua vida diária quando ele está desperto.

O plano astral é geralmente mal concebido pelo Homem, porque o Homem o vê apenas do ponto de vista humano. Agora o ponto de vista humano a respeito deste plano de energia é um ponto de vista que já está astralizado. Ou seja, o ponto de vista humano já é colorido pelo fato de que o Homem pertence ao astral e ainda vive no nível da consciência astral, tanto na vigília como no sono.

Quando o Homem tiver conquistado as alturas da consciência Mercurial, ele entenderá que a consciência astral não é mais necessária. Porque esta consciência contribui para a diminuição do poder mental no Homem e serve a uma etapa de sua evolução que ele está prestes a completar.

Um dos aspectos interessantes da consciência astral no Homem é que esta consciência pode servir tanto aos seres das regiões escuras quanto aos seres das regiões de luz. Esta dualidade do astral está na raiz dos muitos problemas psicológicos e filosóficos que o Homem experimenta. E é somente pela destruição desta dualidade que o Homem será finalmente capaz de compreender o infinito do pensamento universal e cessar, de uma vez por todas, de buscar qualquer infinito dentro de suas experiências espirituais.

O astral para o Homem, especialmente o Homem vindouro, é um mundo que não terá sentido, porque este mundo terá deixado de ser útil ao novo Homem. O astral será um mundo sem sentido porque a perfeita contemplação do mundo mental, experimentada pelo novo Homem, lhe permitirá proceder tão rapidamente para dentro ou através dos caminhos da luz que tudo o que é astral representará para ele um afeto que o ligará ao passado involutivo de sua experiência.

O plano astral hoje está tão cheio de seres de todos os tipos, formas de todos os tipos, e as energias manifestadas por esses seres e formas estão tão contaminadas pela experiência anterior do Homem, que o Homem do futuro não será capaz de usar esse material.

Este material será reciclado, e quaisquer propriedades que ele possua hoje serão reinventadas, ou seja, novas formas serão criadas com a energia da memória deste material. A organização material do plano astral já está sendo abalada até seus fundamentos pelas atividades de certas grandes almas que trabalham nos planos invisíveis paralelos ao nosso mundo material. Essas grandes almas conhecem as leis dos mundos e estudam há anos os vários modos de distribuição, disseminação e reciclagem necessários para a realização da função puramente planetária daquela camada de energia que é chamada de "astral".

Um dos aspectos mais curiosos da consciência astral é que, neste mundo ou neste plano, existem duas formas de realidade. Uma forma que é boa e uma forma que é ruim. O mais extraordinário é que as más formas do plano astral são as boas formas, e as boas formas do plano astral são as más formas.

O que estou dizendo os surpreenderá e surpreenderá muitas pessoas, eu entendo, mas cuidado: se houver algum de vocês que tenha a capacidade de ir para o astral, façam o seguinte teste: Primeiro, vá para o astral e depois, quando tiver experiência suficiente para ficar lá por um período de tempo suficiente - como 25 ou 30 minutos - comece a gritar meu nome! Então, como eu digo, grite meu nome no astral com todas as suas forças, e você verá que gritar meu nome neste avião o trará de volta diretamente ao seu corpo material. Por quê? Porque no astral, uma pessoa que grita conscientemente meu nome recebe automaticamente uma impressão em seu corpo mental que a força a retornar ao corpo material, a fim de limitar sua experiência e não atrapalhar sua evolução.

Como o Homem é multidimensional e trabalha em vários planos ao mesmo tempo, qualquer Homem que, no plano material, possa controlar a energia de seu supramental, pode também, nos outros planos, controlar a evolução dos seres ali presentes. E é por causa desta situação, deste poder se você quiser, que alguns Homens ajudam a evolução da Humanidade.

Quando falo do plano astral, falo de um mundo que serve ao Homem enquanto o Homem for prisioneiro da gravidade planetária, do planeta onde ele evolui, mas este mundo não serve mais ao Homem que está livre da gravidade planetária onde ele evolui. Isto significa que qualquer Homem que possa gerar dentro de si a energia de sua consciência supramental, é capaz de retardar à vontade a evolução dinâmica dos seres no plano astral, a fim de forçá-los a cessar toda a atividade naquele plano. E estes seres, com os quais eles trabalham nesta direção, fazem automaticamente parte do mesmo grupo evolutivo no planeta ao qual este Homem está ligado.

É muito importante compreender os aspectos ocultos da evolução astral, e não confundir a experiência astral que as pessoas falam com a experiência dinâmica da consciência astral da qual algumas pessoas sofrem inconscientemente.

Muitas pessoas acreditam que a viagem astral é um benefício para o homem. Em certo sentido, isto é verdade, desde que o Homem tenha imaginação e desde que ainda use sua inteligência para cultivar, no plano material, a experiência astral que ele teve. Mas o homem ainda não entende, porque este conhecimento ainda não foi revelado, que o plano astral é realmente um oceano. Um oceano que tem a mesma função no plano cósmico que o oceano tem no plano material. Agora a função de um oceano no universo é gerar força suficiente no plano onde ele está localizado para forçar todos os ciclos de evolução naquele plano a retornar a ele um dia.

O mesmo é válido para o astral. O astral é feito de tal forma que obriga, sem que os homens se dêem conta, todos eles a um dia voltarem a uma consciência mais baixa. Como todas as correntes do astral, todas as formas no astral, sejam boas ou más, são diretamente afetadas pelo que pode ser chamado de "as forças do tempo". Agora, as forças do tempo são correntes de energia muito poderosas que impedem o Homem de entrar na luz e que o mantêm preso em suas ilusões. Note que as ilusões são extremamente importantes no funcionamento do universo, pois possuem a gravidade para gerar nos planos inferiores forças suficientes para conter o que você chama de "tempo humano".

Mas quando o tempo humano é destruído, quando a consciência do Homem, tendo se tornado supramental, não está mais no tempo, todas as forças do astral se tornam impotentes, e a gravidade deste mundo deixa de estar ativa dentro de sua mente. Para que este Homem, tendo ficado livre do tempo, nunca mais volte para o astral. Ou seja, nunca morrer uma morte negra.

Qualquer forma de imortalidade nos mundos em evolução exige que os Homens estejam totalmente livres das correntes do astral. E como as forças que você chama de forças do mal trabalham na direção da dominação, o mundo astral é para essas forças um mundo, ou melhor, um armazém, onde encontram todo o material necessário para retardar o tempo em que o Homem entrará na luz, livre do tempo psicológico humano e capaz, em sua própria força, de combater as correntes ou forças que estão evoluindo no mundo astral.

É óbvio que o que está em jogo no mundo astral, visto de um ponto de vista cósmico, é muito vasto e muito grande, e de grande importância para a involução ou evolução da Humanidade. Como os homens pensam, eles não têm apoio em suas mentes para romper todos os laços com este plano de energia, eles usam este plano para fazer experimentos dos quais saem mais ou menos favorecidos, dependendo se eles pensam de uma maneira ou de outra.   
  
A experiência astral para o Homem tem sido uma fase importante em sua evolução porque lhe tem permitido compreender certas coisas sobre a natureza de outros mundos. Mas outros mundos não são necessariamente a realidade. Estes mundos fazem parte da organização material de toda a energia decadente do universo, criada desde o movimento das inteligências luciferianas para o espaço absoluto.

O que o Homem deve entender é que o astral, embora seja uma fonte de experiência valiosa para ele, é também, pela mesma razão, uma fonte de enredos que pode facilmente reduzi-lo a um prisioneiro do tempo. Agora, se o Homem deve penetrar a luz, se o Homem deve ser livre, se o Homem deve ser capaz de usar as energias da alma e transmutar a energia dos planos de acordo com a sua construção ou destruição, sua compreensão mental, ou seja, sua compreensão pura da função desses planos torna-se necessária.

Algumas pessoas me dirão: "Sim, estivemos no astral, fizemos a viagem da alma, tivemos experiências muito importantes, vimos coisas belas. Concordo plenamente. Não é essa a questão. O ponto é que o mundo astral, o plano astral, a consciência astral, qualquer que seja sua virtude, qualquer que seja seu valor ou importância em sua vida pessoal, representa no plano cósmico, representa em relação às grandes escolas mercuriais, um ponto na evolução do cosmos onde a matéria mental inutilizável iria terminar.

Agora, o plano astral, o mundo astral - chame-lhe o que quiser - é um mundo de rejeição, é um mundo de imperfeição, e mesmo as coisas mais perfeitas, as experiências mais perfeitas que você pode encontrar neste mundo, são parte da rejeição, do desperdício, que vem do plano mental

.

Esta é uma declaração categórica que estou fazendo a você, e não é para abalar sua confiança em suas experiências astrais de alto valor espiritual que estou lhe dizendo isto. Estou simplesmente declarando os fatos como eles são. O mundo astral, do mais baixo para o mais alto, representa o desperdício do plano mental.

Quando você tiver compreendido isto, você pode se submeter, se quiser, a outra experiência: voltar ao plano astral, ficar lá por um tempo bastante longo, e contemplar naquele plano o que é, para você, de maior vibração. E então peça a sua mente para fazer você ver a luz oriental, e você verá que tudo no plano astral onde você está desaparecerá e somente a luz oriental permanecerá diante de você.

Isto significa duas coisas. Isso significa que o plano astral, seja ele belo ou não, representa uma dimensão categórica da realidade mental. E que esta dimensão categórica da realidade mental está sujeita a prisão temporal imediata assim que é confrontada com a luz desta categoria mental.

A experiência a ser adquirida aqui é a que nos permite conceber, de uma vez por todas, que o mundo astral é um mundo que só pode ser dominado pela luz quando o Homem está consciente desta lei. E quando o homem está consciente desta lei, o poder da luz que brota de sua mente superior é tão grande que o mundo astral deixa temporariamente de existir para ele. E se ela deixar de existir para ele, pode cessar para toda uma humanidade. Pode cessar para uma raça inteira, para um planeta inteiro, pode cessar para uma galáxia inteira. E quando este mundo cessar, as forças que usam este mundo para retardar a evolução do Homem não terão mais controle sobre o Homem. Porque o próprio Homem já estará fora deste plano.

Quando lhes digo nos seminários para não acreditar em nada, é aqui, em um caso em que a experiência é inevitável, que se deve saber e entender o que significa não acreditar em nada. Ocasionalmente falando, "não acreditar em nada" significa nunca ser afetado emocional ou mentalmente por qualquer forma, qualquer que seja a forma. É somente quando você não é mais afetado por nenhuma forma que você pode, com a maior das facilidades, mover-se para o mundo mental e reconhecer os aspectos mais abusivos de todos os mundos inferiores sobre a consciência do Homem.

E é então que você entenderá porque qualquer iniciação que leve o Homem a confrontar sua realidade interior com sua realidade psicológica deve impor-lhe a experiência total da dúvida e a experiência total do isolamento psíquico, pois é somente nesta situação, sob esta condição, que o Homem é capaz de se livrar de uma vez por todas dos laços muito poderosos que existem entre o astral e ele.

Quando você vê, no astral, almas indo para cá e para lá, o que você vê é apenas a memória dessas almas, não são as próprias almas. Porque se você visse as próprias almas, você seria automaticamente obrigado a penetrar em seus segredos, porque as almas não têm barreiras entre elas. Eles não têm segredos um para o outro. Portanto, se você está no astral e as almas parecem estar passando e parece haver individualidade, e as pessoas estão falando umas com as outras mais ou menos, saiba uma coisa, que o que você vê não são as almas, o que você vê é a memória das almas.

Quando você realmente vê uma alma, você estará nessa alma e essa alma estará em você, você será parte dela, como ela será parte de você. Não haverá divisão e esta é a melhor maneira, esta é a maneira mais segura de saber se estamos em um avião, ou se estamos em outro. É tão real o que lhes digo, que se uma alma não tivesse o poder de estar em outra alma e vice versa, o amor não existiria no mundo.

Porque o amor no mundo vem do fato de que todas as almas são criadas a partir da mesma essência e compartilham o mesmo amor. Ou seja, todas as almas compartilham o mesmo vínculo. Agora, se todos eles compartilham o mesmo vínculo, é óbvio que se se encontram, devem estar totalmente na mesma essência, na mesma memória, no mesmo entendimento. Mas o homem ainda não tem o poder de discernir entre a memória da alma e a própria alma. E como o novo Homem terá o poder de usar as energias da alma e de ver a alma, é óbvio que qualquer experiência astral para ele será impossível. Pois a alma não pode viver do éter astral, ela é forçada a se substituir, e essa substituição é sua memória.

Há erros constantes no esoterismo ocidental e no esoterismo oriental, porque o esoterismo no planeta Terra é uma filosofia, uma filosofia experimental. E toda a filosofia experimental vem da experiência. Mas a experiência não é absoluta, mas sempre relativa. Pois toda experiência é feita, vivida, dentro de uma forma. Somente quando o ser está em um estado de total liberdade de forma pode lidar com a relatividade das experiências e projetá-las contra uma versão pré-experiencial, pré-pessoal da realidade.

Enquanto o Homem tiver que aprender, ele está sujeito às leis da experiência. Enquanto ele for obrigado a se conformar com as formas dessa experiência, seu conhecimento é afligido por ela. É por isso que costumo dizer que o conhecimento é uma ilusão. Não porque o conhecimento não é bom, mas porque o conhecimento é parte do tempo. Considerando que o conhecimento está fora do tempo. O conhecimento não pertence à forma, e é por isso que o Homem, com seu intelecto, não pode se apropriar dele.

Por mais que o conhecimento seja redutível, o conhecimento é irredutível. Se o conhecimento quer penetrar no mistério dos mistérios, ele tem o livre arbítrio de fazê-lo, pois o conhecimento é em si mesmo o mistério do conhecimento, não em sua manifestação, mas na origem de sua manifestação. E é na origem da manifestação do conhecimento que encontramos todos os diferentes modos de evolução do conhecimento. O conhecimento é temporal, o conhecimento é eterno, não tem tempo, é parte da luz.

Portanto, lembre-se que o plano astral, desde que você o utilize, é parte de uma experiência pessoal. Mas não é a partir desta experiência pessoal que você será capaz de gerar em si mesmo a energia necessária, a luz necessária para estar no saber. Este plano sempre lhe dará mais um motivo para experimentá-lo! Este plano sempre lhe dará outra razão para conhecer outros aspectos do mesmo! Mas não são estes aspectos ou estas experiências que lhe permitirão gerar luz suficiente no plano material onde você vive para entender, de uma vez por todas, que não há nada para entender.

É sabendo que você será capaz de perceber que os mundos inferiores à alma são mundos que a alma utiliza para a evolução do ego, ou seja, para a evolução de sua memória, ou seja, para a compreensão dinâmica dos mundos inferiores aos quais tem direito apenas através da experiência do ego.

A alma é contemplativa, evolui, mas é contemplativa, não procura compreender. O ego, por outro lado, não é contemplativo, é progressivo, deve evoluir e sua evolução serve à alma, porque a memória que é a acumulação de todas as formas de experiência, torna-se um material de construção nos mundos da luz. A experiência se torna material de construção para os mundos inferiores em evolução. Agora, qualquer que seja sua experiência no plano astral, essa experiência será sempre em relação aos resíduos emitidos pelos planos superiores, que utilizaram a experiência do ego para a construção de mundos mais avançados, mais perfeitos.

Dediquei esta fita a alguns de vocês que estão interessados no ocultismo e que estão interessados nestas experiências no plano que vocês chamam de astral, a fim de lhes dar outros pontos de referência aos quais voltarei mais tarde, à medida que progredir com vocês na explicação dos mistérios.

Portanto, o que você precisa saber sobre o astral são estes três pontos: primeiro, o astral é um mundo ou um plano que é a lixeira de todas as formas que vêm do plano mental, aquelas formas que não são mais úteis no plano mental porque são muito imperfeitas. Em segundo lugar, o astral é uma versão imaginada e irreal do mundo da alma. Em terceiro lugar, este plano permite ao Homem um acesso mais fácil, no nível de sua imaginação e de sua inteligência material, aos aspectos do invisível que servem de refúgio temporário em seu movimento cada vez mais alto em evolução.

Portanto, se você entrar no astral e receber planos de trabalho, saiba uma coisa: que esses planos de trabalho também fazem parte de sua experiência astral. Os planos são reais e suas atividades em relação a estes planos lhe permitem, pouco a pouco, desenvolver certos vínculos com as inteligências nestes planos. Mas as ligações que você desenvolver com estas inteligências terão um dia que cessar, pois estas inteligências também terão sido levadas além das funções de seu dever para chegar à realização dos atributos mais perfeitos da consciência mercuriana em evolução.

CAPÍTULO 5  
  
O ESPÍRITO CP010

Até que o homem perceba a natureza mais profunda de seu pensamento, até que ele perceba o poder da comunicação com planos superiores, até que ele se comunique inteligentemente com a origem de seu pensamento, até que ele conheça a mecânica de seu pensamento, é impossível para ele entender o que a palavra "Espírito" significa. E se ele não entende a natureza da palavra "Espírito", se ele não entende a essência do Espírito, como ele pode gerar em sua vida luz suficiente para entender sua vida e estimar seu valor real, tanto o valor presente quanto o futuro?

O homem deve se distanciar de suas concepções psicológicas de inteligência se quiser alcançar uma maior ou menor compreensão da realidade de sua própria mente, de sua própria vida e de sua própria inteligência. O espírito não é apenas uma concepção filosófica, o espírito é uma realidade coordenada às atividades do Homem e que gera em sua inteligência uma suficiência, ou seja, um poder de compreender sua própria evolução, sua razão de ser e o futuro que está se desenvolvendo diante dele.

O espírito é uma força, uma força inteligente, o espírito é inteligência. E toda relação entre o Homem e o espírito torna-se uma relação de comunicação que permite ao Homem autodeterminar sua vida e dedicar suas energias a um processo criativo vital, que o leva para onde ele precisa ir, e não para onde ele é empurrado pelos eventos existenciais de uma vida inconsciente e mecânica.

A importância para o homem de compreender a lei de toda comunicação com o espírito, baseada na inteligência de seu espírito, em relação à inteligência do espírito com o qual ele se comunica, é a pedra fundamental sobre a qual qualquer eventual concepção da realidade deve ser construída. Sem esta pedra fundamental, o homem rapidamente esgota suas forças e contribui para a continuidade da alienação entre ele e o cosmos invisível.

É inútil para o Homem buscar por fórmulas práticas, espirituais ou filosóficas os atributos do espírito, já que o espírito só gera no Homem a inteligência que o Homem está disposto a receber. E esta inteligência que ele está disposto a receber é sempre medida na escala da personalidade humana e em conjunto com o plano de vida deste ou daquele Homem.

Mas não é mais a qualidade ou a grandeza da inteligência que se torna importante quando o homem está em comunicação com o espírito e seu espírito aprende gradualmente a descobrir, mas é a qualidade de sua inteligência, a profundidade dessa qualidade e a própria virtude da inteligência dessa qualidade. Para que qualquer Homem, qualquer que seja seu plano de vida, possuidor da inteligência do espírito, possa facilmente se reconciliar com outro Homem, cujo plano de vida pode ser mais amplo e cuja inteligência pode ser mais ampla, mas cuja origem é do mesmo estoque, ou seja, as forças da luz.

A universalidade do Homem, a universalidade do Homem, é representada pela consciência do espírito no Homem. E qualquer relação entre as forças da luz e a inteligência do Homem, só tem qualidade na ausência das diferenças intelectuais que as personalidades desejam atribuir à inteligência universal.

O peso do erro humano se baseia na concepção da inteligência do Homem, expressa por sua personalidade culta e condicionada pela tradição. Quando de fato a inteligência humana, quaisquer que sejam suas virtudes ou qualidades, esconde por trás dela um quadro no qual a inteligência universal está inscrita. Mas, infelizmente, esta imagem... (corte). Porque o Homem - preocupado com seu conhecimento, e tendo falhado em reconhecer a escrita no quadro - se recusa a ver nele uma pré-personalidade. Para que, com o tempo, ele esteja inclinado a glorificar sua inteligência e a atribuir a si mesmo todos os aspectos dessa inteligência sem reconhecer o sopro invisível. Com o tempo, a consciência da respiração invisível desaparece e o Homem mergulha de cabeça em suas concepções errôneas do mundo real e invisível.

O homem deve aprender a coordenar a natureza de seus pensamentos com a origem inteligente de seus pensamentos. Para que, se seus pensamentos lhe parecerem que não vêm dele, ele deve fazer um balanço no instante, e reconhecer que uma inteligência diferente da sua está inspirando esses pensamentos nele, a fim de dirigi-lo no processo filosófico de sua vida.

Mas se o Homem não está disposto a reconhecer, ou não é instruído a reconhecer, esta realidade, é óbvio que ele nunca será capaz de atingir a plena consciência de si mesmo e eventualmente perceber a profundidade de sua realidade. Não se trata de o Homem ser apanhado no jogo de todos os pensamentos que podem penetrar sua mente, mas de perceber que desses pensamentos, alguns vêm de uma inteligência superior que o vigia e o guia em sua evolução.

Este primeiro passo será suficiente para trazê-lo, pouco a pouco, para deixar de lado o fluxo incessante de inteligência, ou de pensamentos inteligentes ou ininteligentes passando por sua mente, e procurando criar confusão nele. O homem, sempre ansioso sobre sua mente, sobre sua orientação, é obrigado a passar por um certo período de tempo por uma espécie de confusão que resulta precisamente do fato de que a limitação ou delimitação entre a inteligência universal dentro dele e as formas de inteligência planetária criadas por ele no decorrer dos anos ainda não está estabelecida. É a falta de delimitação entre a inteligência interior e o Homem que faz com que este último viva uma vida confusa à medida que se torna cada vez mais consciente da origem de seus pensamentos.

A confusão é um estado essencial que faz parte do estágio de reestruturação de sua mente inferior para o desenvolvimento da mente superior dentro dele. As leis do espírito são simples, mas a energia que o espírito carrega quando penetra na mente inferior do homem é incomum na experiência de pensamento do homem. É por isso que o homem pode passar por um período de confusão em sua mente. Mas esta confusão é sempre proporcional ao apego pessoal que ele tem a seus pensamentos.

Como todo pensamento é uma forma, e toda forma de pensamento não transmutada contém dentro dela uma qualidade emocional diretamente relacionada à experiência humana, é óbvio que o Homem, um neófito em sua experiência, deve viver sua realidade de acordo com a própria estrutura de sua mente inferior.

O condicionamento do homem é tão vasto, tão matizado, que só a tempo ele aprende a discernir, por trás de seus pensamentos, na selva de seus pensamentos, outra forma de pensamento, emanando de um centro superior de si mesmo e servindo para iluminar o campo muito vasto de sua experiência de pensamento. A atualização nele do pensamento objetivo, do pensamento universal, revela-lhe, com uma certeza esmagadora, que o campo do pensamento está sujeito à forma e que, enquanto o Homem estiver sujeito à ilusão dessa forma, ele não pode estar em contato com a inteligência universal.

O homem deve tornar-se livre em seu pensamento, ou seja, seu pensamento deve vir de dentro de si mesmo, ser totalmente pessoal, e não o resultado de qualquer condicionamento. Sem este poder de pensamento pessoal, que é ao mesmo tempo pré-pessoal, o homem é incapaz de se situar na vida diante de sua própria realidade interna. Ele é obrigado, por este mesmo fato, a se situar diante de uma realidade que não é sua e que deve necessariamente prevalecer sobre si mesmo, porque é criada a partir do zero pelas consciências coletivas da sociedade ou da civilização.

Como é possível o Homem encontrar-se a si mesmo, encontrar-se face a face consigo mesmo, se ele não é capaz de compreender dentro de si o fio cada vez mais tênue de seus pensamentos mais pessoais? É por isso que a consciência supramental, ou o contato do Homem com a inteligência universal, é o próprio fundamento da liberdade individual do Homem e o refúgio de sua liberdade pessoal. Não é o universal no Homem que cria "insatisfação", culpa, erro, estupidez, mas a inteligência do Homem aleijado por pensamentos, por sentimentos, que não se originam nas profundezas de si mesmo, mas sim nas camadas condicionadas de sua mente.

É difícil para nós compreender, compreender a incrível possibilidade que temos de nos servir, de viver em conexão com a inteligência supramental, que busca, por todos os meios, penetrar em nossa consciência. Vivemos toda nossa vida sob um teto criado do zero pelas opiniões dos outros, pelo pensamento dos outros, e muitas vezes costurado pelos erros dos outros, que somos forçados a aceitar, porque não temos alternativa pessoal. Em outras palavras, não utilizamos nossa inteligência interna ou supramental. E o que nos paralisa no uso de nossa inteligência supramental é precisamente o medo que temos de nos comunicar com os aviões dos quais essa inteligência se origina.

Pois nos é dito, está confirmado para nós, que toda comunicação dentro de nós mesmos é infantil ou alienada. Que certas comunicações são alienadas ou alienantes é evidente por si só. Mas quando o homem compreende as leis da mente, é fácil para ele reconhecer os mecanismos da alienação. Para que muitos que sofrem com a comunicação com outros aviões que retardam sua evolução e criam confusão em suas mentes, possam ser aliviados de sua aflição.

Mas a alienação do Homem não é comum entre as pessoas que buscam conhecimento, sabedoria filosófica ou auto-entendimento. O homem não precisa temer o infinito de sua própria mente, nem precisa temer a inteligência universal que procura se prender a sua mente, a fim de iluminá-lo e fazê-lo sentir seu próprio infinito.

A ciência da psicologia é uma ciência relativamente nova. A importância desta ciência se tornará aparente quando o Homem descobrir o poder de sua mente. Mas o poder de sua mente estará sempre relacionado aos poderes crescentes de sua inteligência, e sua inteligência crescerá à medida que sua mente for sendo cada vez mais iluminada pelo espírito universal que dirige a evolução.

A partir desse momento, a psicologia do Homem será uma ciência profunda e maravilhosa, engendrando nele o conhecimento total de seu ser e a realização profunda de suas ligações com os planos invisíveis que direcionam a evolução. O homem não pode mais continuar trabalhando sozinho, prisioneiro como ele é de matéria, espaço e tempo. A parapsicologia abrirá cada vez mais as portas para o que hoje é insondável, e a psicologia procurará integrar em seus estudos o mistério do Homem, de tudo aquilo que está além dos sentidos, além do sensorial, além do lógico, isto é, aquilo que é, e que emana da realidade espiritual do Homem.

Aqueles que têm a oportunidade, por qualquer razão, de começar a estudar em nível pessoal a natureza de seus pensamentos, a origem de seus pensamentos, e comparar no instantâneo seus pensamentos verdadeiros com seus pensamentos subjetivos, serão automaticamente os pioneiros de uma psicologia pessoal, intuitiva e supramental.

O declínio da inconsciência em vários homens só pode resultar no crescimento da consciência supramental e da comunicação entre o homem e os planos invisíveis. Isto é inevitável em vista da própria realidade do estado de espírito gerado pela ligação entre a mente do Homem e a consciência supramental, como manifestado por um ajustador de pensamento.

Será útil para você saber e compreender que qualquer contradição que surja em sua mente a respeito de palavras ou idéias emanadas da consciência supramental surge da incapacidade do intelecto humano de absorver as nuances do espírito e de gerar instantaneamente na mente inferior as vibrações que caracterizam essas nuances.

O discurso, a palavra, não é apenas uma forma, mas uma energia dentro de uma forma. O intelecto se prende à forma, quando a mente desperta recebe a energia na forma. Uma mente desperta pode perceber todas as formas e sutilezas de energia, e assim se livrar da carga de influências criadas por aparentes contradições, quando a palavra usada pela mente serve para transmitir sua energia.

Enquanto a mente do homem não estiver desperta, enquanto a consciência não for suficiente e o intelecto reinar, o homem é impotente para separar a realidade da impressão vibratória da impressão intelectual criada pela aparente distração de sua verdadeira mente contra sua inteligência racional, levando a uma contradição. A contradição não existe na mente. É um produto da mente humana, que não consegue se lembrar perfeitamente da grandeza e profundidade do pensamento que a anima. É por isso que é tão fácil para a mente supramental enganar constantemente o intelecto humano, que é fossilizado, rigido pela forma, em vez de ser dilatado, amolecido, pela energia da forma. Em outras palavras, o intelecto humano deve se tornar um sapato cuja textura é feita de couro macio, em vez de couro endurecido pelo uso.

A contradição está na raiz da falta de compreensão entre um Homem que está na mente e um Homem que está fora da mente. A contradição serve ao Homem que está fora da mente, na medida em que lhe permite acreditar que ele pode ou deve competir com os conceitos apresentados pelo Homem que está na mente. Mas o Homem em espírito nunca está em estado de rivalidade, ele estabelece os fatos como eles lhe são apresentados pelo espírito, a fim de lançar o máximo de clareza possível sobre a inteligência das coisas, para a evolução do intelecto humano.

Se o intelecto humano tentar entender o que o espírito quer transmitir, simplesmente usando as palavras, a forma das palavras, então ele experimentará um fracasso. Pois o espírito está na energia que alimenta a forma, não na forma. Como diz a tradição: "A letra é a letra, mas o espírito da letra é o espírito da letra". Pode-se mudar a letra, mas nunca o espírito da letra.  
  
Por outro lado, o intelecto humano que tenta sentir o que está na forma, o que é dito por trás do que é ouvido, suavizará sua inteligência da forma e, pouco a pouco, chegará a captar o que queria ser dito, em vez de captar o que queria ouvir. Nunca há uma contradição na mente, pois a mente é universal, a mente está unida por sua própria natureza. Enquanto o intelecto é forçado, por seu comportamento, a dividir, comparar, estabelecer categorias, a fim de diversificar o que acredita ser conhecimento para alcançar, em um dado momento, uma soma que lhe permita acreditar que reina supremo. É por isso que o intelecto se orgulha do espírito e se queixa da contradição que parece emanar do espírito.

Mas não procure a contradição na mente, mas procure a contradição em seu intelecto. Procure a falha em sua inteligência que é a base da contradição, e você verá que o espírito é puro, que o espírito é pré-pessoal, que o espírito está além do intelecto do Homem e serve para iluminar, para lançar clareza sobre a disposição da inteligência humana. Assim, você ficará feliz em ouvir as palavras do espírito, pois ele se tornará para você uma fonte constante e permanente de compreensão e de percepção real.

Como o intelecto humano visa se glorificar, a busca de contradição para ele é algo semelhante à caça que um Homem conduz contra o jogo. Armado com uma ferramenta feita para a grandeza de seu intelecto, ele mata uma presa feita para a grandeza da vida, e acredita que ele teve supremacia sobre a vida. Não é a mente que distorce a realidade, mas a inteligência humana que é incapaz de recebê-la. Assim, acusamos a mente, quando na verdade devemos nos acusar a nós mesmos.

Mas o homem sempre prefere dar razão ao seu intelecto, à sua lógica, porque ele não conhece as leis do espírito e não sabe como se comunicar com o espírito, de modo que não tem idéia de como o espírito é gerado em sua inteligência. Se você estiver atento ao espírito dentro de você, não procurará e verá contradição, pois seu intelecto será temporariamente posto de lado, a fim de deixar entrar a luz que é espírito. Mas se você busca a contradição no espírito, você ampliará o orgulho de seu intelecto e acreditará que cercou o espírito. Assim, você atrasará o avanço de sua inteligência em direção ao supramental, e fechará uma porta preciosa para o conhecimento intuitivo e o conhecimento universal.

Se o espírito lhe nega informação em qualquer momento de sua vida, não é porque essa informação não seja conhecida pelo espírito, mas porque o espírito deve protegê-lo de muita luz, para que seu intelecto se acostume e suas emoções não sejam perturbadas por muita revelação do espírito, que você intelectualmente considera importante ou interessante, mas que o espírito, por sua sabedoria, conhece os perigos. O intelecto humano é como uma criança, quer saber hoje o que deve saber apenas amanhã, e quando lhe é negado o que deve saber amanhã, ele se volta contra aqueles que o negam. Mas amanhã ele descobre que aqueles que o negaram ontem estavam certos.

Eu lhes digo, o homem deve ser humilde em conhecimento se quiser ter acesso a todo o conhecimento, não a um conhecimento parcial que é mais perigoso do que todo o conhecimento. Muitos foram prejudicados, porque conheceram um pouco de conhecimento. Se o Homem soubesse realmente o quanto o espírito quer transmitir de si mesmo ao Homem, ele ficaria triste em saber a condição que impede que esse mesmo espírito revele sua luz ao Homem. É por isso que eu digo: quanto mais você pratica a comunicação com o espírito, mais o espírito entra em você, e quanto mais ele entra em você, mais ele o prepara para receber a energia que é o próprio fundamento do conhecimento transmitido pelo espírito ao Homem.

Nós reivindicamos como Homem todo tipo de habilidades, todo tipo de proezas. Mas assim que o espírito começa a nos penetrar, descobrimos que sua penetração é tão poderosa que as muralhas de nosso intelecto começam a rachar, e já tememos a quebra total dessas muralhas, e mesmo assim ousamos e temos o descaramento intelectual, se não o orgulho intelectual, de afirmar que o espírito nos revela tudo. E ainda assim, a própria penetração do espírito em nossa inteligência torna-se, às vezes, um aspecto assustador de nossa experiência, mas ainda não entendemos.

Portanto, alerto a todos aqueles que entram em comunicação com o supramental para não esperar nada, para esperar viver a experiência lentamente, para que os laços entre o intelecto e o espírito possam amadurecer, para que o intelecto possa crescer, tornar-se flexível e tornar-se um sólido reservatório para o conhecimento que o espírito desejará trazer a ele, quando chegar a hora. A experiência daqueles que experimentaram a penetração do supramental até um grau avançado servirá sempre como medida para aqueles que ousam, por razões de inteligência, de orgulho intelectual, querer estar à frente dos tempos.

CAPÍTULO 6

A SOLIDÃO DA INICIAÇÃO PLANETÁRIA CP084

A solidão da iniciação planetária é a marca profunda da ruptura dos laços raciais entre o Homem Novo e o Homem Velho. Esta solidão marca o fim, ou o começo do fim, do velho homem, cuja consciência subjetiva não pode mais cumprir o papel que tinha marcado durante a involução. A solidão da iniciação planetária corresponde à profunda mudança no Homem, uma mudança que lhe traz um novo equilíbrio, baseado em sua inteligência criativa e sua vontade criativa.

Esta solidão não é negativa, como o tédio pode ser, por exemplo. É apenas um estado de espírito, não mais apropriado ao estado de ser que o Homem tinha conhecido antes da iniciação planetária e solar. Essa solidão, que pode ser chamada de solidão de espírito, predispõe o homem a confiar cada vez mais em si mesmo, a viver mais e mais em suas próprias energias, ao invés das energias daqueles que o cercam, como foi o caso durante sua vida inconsciente. A solidão do espírito permite ao homem tomar consciência de sua consciência e perceber que ele não é mais o mesmo, seja mental ou emocionalmente.

Além disso, a solidão da iniciação planetária flui a partir desta realização. A princípio, o homem sente que está se tornando cada vez mais um estranho para seu planeta. Esta situação pode durar por algum tempo, até que um novo equilíbrio seja criado dentro dele à medida que a mente e as emoções são reajustadas. A solidão do espírito permite ao homem realizar sua força interior, ou seja, sua capacidade de viver no plano material, de acordo com uma energia que vem dele e o guia em seus movimentos diários. E isto, sem que seu ego interfira com a intenção desta energia, esta inteligência e esta vontade criativa que fazem parte dele.

A solidão do iniciado planetário corresponde a um estado profundo, que surge do deslocamento entre o corpo de desejo e a vontade do duplo, que está sendo formado. E esta solidão pode ser tão acentuada a ponto de dar ao homem a impressão temporária de que a vida não vale ou já não vale mais a pena ser vivida. E, no entanto, este não é o caso. Mas o estado mental e emocional deve ser reajustado para que este desconforto, este sofrimento, cesse. Então a vida se torna novamente normal, mas diferente do que era antes, pois não é mais construída com o mesmo material.

Mas como a iniciação planetária é um processo vibratório que altera a consciência do Homem, é normal que se dê um certo tempo para esta transformação, caso contrário a experiência seria muito pesada, muito dolorosa e o Homem não seria capaz de vivê-la. A solidão da iniciação planetária predispõe o Homem ao confronto de sua memória e de seu novo estado, onde sua velha memória já não o serve da mesma maneira.

Pois a forma mental de energia foi transformada em um vazio maior que o espírito, isto é, a inteligência criativa e a vontade do duplo, preenche. O ser humano não está acostumado a viver em termos de outra parte de si mesmo que não esteja sujeita às leis da matéria e dos sentidos. Assim, o ego é despojado de valores, que antes faziam parte de sua segurança psicológica. Despojado dessa segurança psicológica, ele deve reconhecer outra que é real desta vez, pois é produto da inteligência e da vontade, e não da influência da forma sobre sua mente e suas emoções.

A solidão da iniciação planetária corresponde ao colapso do velho Homem e ao desenvolvimento do novo Homem, e nenhuma influência planetária pode fazer este trabalho sobre o Homem, pois este trabalho é feito de dentro e de fora das ondas de influências egoístas. Em outras palavras, o ego que está passando pelas mudanças vibratórias do duplo não pode interferir nessas mudanças, pois elas não estão mais sob seu controle subjetivo, uma vez que perdeu a ilusão de que estão de outra forma.

A solidão da iniciação planetária penetra em todos os planos do ser em evolução e substitui a memória antiga pela nova. A nova memória não é nada parecida com a antiga, exceto que ela pode reproduzir formas idênticas. Mas é fundamentalmente diferente, pois é impresso no cérebro físico do poder de impressão do duplo, em vez de ser impresso no cérebro físico a partir da consciência astral do Homem.

A nova memória é muito mais sutil e mutável do que a antiga. É sutil porque faz parte da nova inteligência, e é mutável porque não é governada pela rigidez sistemática do ego pré-transformador. A mudança na memória é equivalente a uma mudança na consciência, e é esta situação profunda que cria a estranha sensação de solidão do novo homem diante do velho mundo com o qual ele ainda está familiarizado.

Tal solidão às vezes parece sem esperança, mas isto porque o ego sempre quer se relacionar com seu passado, com suas experiências passadas, para medir o valor de sua experiência presente. E no caso desta solidão, é impotente para mudar qualquer coisa, porque é demasiado consciente para voltar ao passado, e ainda não o suficiente para conhecer seu futuro, ou para entender seu presente.

O efeito é duplo, pois obriga o ego a parar de se preocupar, ou seja, analisar, ou tentar entender, e ao mesmo tempo permite que ele absorva nas esferas mental e emocional energia suficientemente poderosa para fazê-lo perceber que está vivendo em uma situação que deve eventualmente terminar. Mas ele não sabe o fim. E isto aumenta a sua confusão egoísta e somente com o tempo ele vê o fim e então o trabalho foi feito.

A solidão da iniciação planetária é a medida da identidade que o ser humano conhece. Enquanto ele viver nesta solidão, sua identidade está em processo de desenvolvimento. E quando está totalmente formada, essa solidão não existe mais, que é seu sofrimento.

Mas à medida que o duplo se torna cada vez mais presente no Homem, e a nova memória se torna cada vez mais criativa, a solidão é gradualmente substituída por um poder criativo, que brota do ser como uma fonte e preenche o vazio que, no início da transformação, era doloroso. A solidão é tão importante, ou parte do trabalho que o duplo faz no Homem, que se pode dizer que todos que vivenciam esta iniciação experimentarão a solidão.

Esta solidão não deve ser confundida com a solidão psicológica do homem inconsciente. O ser inconsciente pode sentir solidão porque lhe faltam em sua vida inconsciente certos elementos com os quais preenchê-la. Enquanto o Homem que vive a solidão consciente da iniciação planetária, poderia ter todos esses elementos da vida inconsciente e ainda sofrer, pois não se baseia mais na ausência de nada, mas na incapacidade de ver seu futuro.

O ser inconsciente não procura necessariamente conhecer seu futuro. O ser consciente, em determinado momento de sua evolução, deve ver, deve compreender algo de seu futuro, pois não está mais sob o controle ilusório do ego, mas sob o controle real de seu duplo, a parte real de si mesmo. E à medida que ele se torna cada vez mais consciente de si mesmo, é normal que ele também se torne consciente de seu futuro. Mas o futuro do ser consciente não é construído pelo ego, mas através do ego, de acordo com o poder do duplo, ou fusão.

Portanto, é somente quando o ego não pode mais interferir subjetivamente nos eventos da vida que ele pode começar a conhecer seu futuro. A partir daí, a solidão começa a desaparecer, como ela começa a ver, a viver, em uma escala diferente e a se reintegrar conscientemente na vida.

Mas a solidão da iniciação só pode ser experimentada em relação à consciência superior, e uma percepção crescente de que ela é apenas temporária. Caso contrário, ele se torna pesado demais para o ego e o ego não pode mais suportá-lo, ou só pode suportá-lo em virtude de seu conhecimento interior.

A solidão consciente não é comparável à solidão inconsciente, porque não pode ser medida psicologicamente. Ou seja, é imposto ao ego, para despertá-lo para uma realidade que amanhã se tornará sua verdadeira consciência. É por isso que esta solidão é tão grande em conseqüência, pois obriga o ego a "cortar" (separar: a separar: a separar) seus laços raciais com o Homem inconsciente da Terra. Sem esta separação interior, o ego permaneceria em sua memória antiga e nunca descobriria sua nova e criativa memória.

Esta é uma das razões fundamentais pelas quais a evolução da consciência cósmica só pode ocorrer na Terra no final do século XX. Pois antes disso, o Homem ainda não havia completado o período de formação da velha memória. Em outras palavras, o homem ainda tinha uma experiência planetária menor a passar antes de poder experimentar a experiência superior de sua consciência universal ou cósmica. A solidão da iniciação planetária coincide com a ressurreição no Homem da chamada consciência Cristo, ou seja, daquela consciência que não mais emana dos planos inferiores de evolução, mas do éter.

Esta solidão é tão importante na implantação da consciência crística na Terra que somente o Homem que conheceu e compreendeu plenamente a experiência pode começar a perceber as mensagens ocultas e esotéricas, se não herméticas, que foram entregues à Humanidade no passado por seres de consciência superior, que o Homem elevou à categoria de sagrado. Pois ele vivia então da antiga memória da humanidade que o obrigava a rejeitar o que não podia compreender, apenas a aceitar o que poderia fazê-lo sentir-se emocionalmente seguro. Com o advento da iniciação planetária e solar no Homem, esta situação é totalmente invertida.

Para que o Homem não possa mais orientar sua psicologia, seu ser, para o passado da velha memória, mas para o futuro da nova memória. E esta experiência coincide com a solidão, a natureza e a função da qual explicamos. A solidão consciente percorre todo o ser e afeta todos os seus centros energéticos, de modo que nenhuma parte de si mesmo escapa do poder "transformador" do duplo que afeta, pouco a pouco, o corpo astral do Homem e seu corpo mental inferior.

A solidão é tão grande em sua ação criativa que o ego não pode mais chamá-la de solidão, como costumava chamá-la. Ele só pode vê-lo como um estado emocional e mental de mudança vibratória. A grande peculiaridade desta solidão faz o Homem reconhecer, pela primeira vez em sua vida, que de fato ele é um estranho num planeta estranho que não lhe pertence, pois ainda não o conquistou pelo poder da energia, da qual ele é feito e moldado.

Esta realização é dolorosa, pois o Homem não tem mais, como no passado, o alívio que vem com a velha solidão. Parece que a solidão consciente é totalmente estranha a ele, como se o mergulhasse em um estado de espírito que ele nunca tinha conhecido antes, pois ele sempre se protegera, de uma forma ou de outra, contra seu duplo ou sua realidade. Agora que a parede ou divisória entre ele e o duplo está quebrada, parece mais e mais como se o duplo vivesse nele, e não apenas na matéria.

A nova solidão confunde o Homem, pois ele só a compreende à medida que a experimenta e que se levanta diante dele como a grossa névoa que se eleva do chão depois de ter mantido o Homem em uma espécie de escuridão estranha, que ele sabe que é temporária e sem perigo. O ser humano sempre soube ocupar seu tempo por todos os meios, pois sempre soube usar seu corpo de desejo, para manter constantemente uma falsa plenitude dentro de si mesmo, mesmo que essa plenitude fosse ilusória.

Mas agora que ele é levado a experimentar o vazio, que na verdade é apenas o aspecto extremo da solidão consciente, ele percebe que a vida superior, consciente, não é feita e construída da mesma forma que a primeira. E aí reside seu mistério. Só pode ser compreendido por aquele que o experimenta e não pode ser transposto filosoficamente para outros que permanecem nas outras múltiplas margens da consciência experimental e planetária do Homem inconsciente. A solidão consciente não entra em conflito com a vida psicológica do homem, mas o faz perceber que ele é muito mais impotente em sua criatividade do que ele imaginava anteriormente.

E esta consciência lhe permite ver, compreender, porque a criatividade nada tem a ver com a memória do velho, que ela é o produto do aperto entre o duplo e o ego. Mas este aperto não pode ocorrer até que o ego tenha um claro sentido de que a vida, como deve evoluir, nada tem a ver com a forma como ela, como o ego "inseguro", a projeta.

E é aqui que a solidão se torna dolorosa, pois o ego percebe que não tem mais controle subjetivo sobre sua vida, mas que seu duplo conhece todos os seus aspectos e que todos os aspectos se desenvolvem de acordo com o tempo que lhe é atribuído por ele. O ego só tem que cair no passo com o duplo, ou seja, com sua inteligência e vontade criativa.

Então, a solidão não existe mais. O ego, portanto, é dono de sua vida, pois aprendeu a entender o que deve entender sobre si mesmo, sobre seu duplo. Pois finalmente, o duplo é o verdadeiro Homem por trás do ego, e não o contrário. Mas o Homem sempre pensou que ele era o Homem, quando na verdade ele era apenas uma caricatura emocional e mental do ego por trás do qual o verdadeiro Homem, o duplo, estava trabalhando para conquistar a alma da memória antiga.

A grande solidão do ego é equivalente à conquista da alma pelo duplo, sua conquista final, para que o ciclo de vida e morte pare e não mais atrase a evolução da energia da matéria e da luz que penetra na matéria organizada e lhe dá sua direção, sua evolução. O homem deve deixar de ser um pensador e deve se tornar um criador.

Mas para que isto aconteça, ele deve conhecer a grande solidão do ego que inverte a polaridade da inteligência e da emoção, e torna a emoção pura e a inteligência perfeita. Este é o Homem do amanhã: o Homem que não será mais capaz de extinguir as forças da vida dentro de si mesmo e que, por esse mesmo fato, será vida e força.

A solidão da iniciação planetária passará por todos aqueles que devem conhecer a natureza da rebelião do ego contra a alma. Esta rebelião deve ser consistente com a mais verdadeira expressão da presença do duplo dentro, ou atrás, do Homem, atrás do ego. E esta expressão perfeita se manifesta nesta solidão, pois a luz do duplo está sobre a Terra. E o ego, o Homem inconsciente, quis substituí-lo usando a memória da alma como um guarda-chuva contra sua presença terrível e poderosa.

Mas a hora ainda não havia chegado. Então o homem, o ego, teve que evoluir até hoje. Agora que os tempos chegaram, os filhos de Jacob devem colher a amarga lição da vida planetária e inconsciente. E esta lição está contida na dispersão da memória antiga, experimentada no efeito sobre a psique humana da grande solidão da iniciação planetária.

O novo Homem transcenderá a própria natureza de sua consciência egoísta, para que ele possa contemplar a origem das coisas e participar mais estreitamente do relançamento nesta parte da galáxia do esforço total contido dentro de uma civilização que não será mais confundida com a cultura regional conhecida pelas raças divididas do velho Homem.

E para que esta civilização deslumbre tudo o que uma vez foi construído sobre o globo, o novo Homem terá que reivindicar sua nova memória contra o velho. E para este propósito, a solidão da iniciação solar e planetária é perfeitamente adequada nos planos sutis da realidade do Homem.

O ser humano deve conhecer as profundezas de sua natureza perplexa. E esta experiência só pode ser adquirida se ele se sentir perturbado, em seu estado psicológico, com o que lhe permite, ou lhe permitiu no passado, não reconhecer a natureza inerentemente intransigente do duplo. A energia do duplo apoiou a atividade inferior do ego, desde que este último tivesse que se aperfeiçoar e aumentar o poder de sua mente, pois tinha que entender pelo que tinha que viver no futuro da raça. A solidão do iniciado planetário é real somente para aquele que a conhece.

Mas esta realização é tão absoluta que a própria experiência só pode ser recusada se o próprio duplo se recusar a ser liberado porque sua relação com o Homem ainda não pode ser perfeitamente estabelecida. O isolamento interior criado pela grande solidão só pode ser adequado para quem está pronto para ser penetrado pelo raio da criação que faz parte da cor do duplo e que gera no Homem toda a energia que ele precisa, para afastar de si mesmo as forças que transformam a atividade deste raio em ignorância, porque ainda estão muito impressas na inconsciência do Homem.

Não se deve esquecer que o Homem, o Homem real, é um ser cósmico, ou seja, uma força criativa que emana da conjunção da energia indiferenciada com o próprio centro do Homem ainda escondido de seus olhos. Quando os homens tiverem descoberto este centro, poderão ver que a dimensão última da realidade coincide com o acesso do duplo à energia primordial, aprisionada nas questões inferiores e planetárias do homem, que se encontram no mental, emocional, vital e física.

Se o ser humano deve experimentar a grande solidão antes da fusão, é para prepará-lo para receber a energia do duplo, sem experimentar a dualidade entre ele e o duplo. Para toda dualidade representa a falta de libertação do duplo, do espírito. E enquanto o duplo não for libertado, é impossível para o Homem empreender qualquer coisa na Terra que o faça tomar consciência da relação entre a carne e a luz.

É por isso que o homem sempre teve a impressão de ser, antes de realmente ser, isto é, antes de poder converter a energia do duplo em vontade e inteligência. Daí o eventual poder do homem sobre a Terra e as estrelas. A grande solidão representa a primeira experiência real do Homem fora de sua egocentricidade. É por isso que a própria experiência é dolorosa. Não porque seja realmente doloroso, mas porque o ego do homem ainda se encontra no estágio de transformação astral.

E esta transformação deve levá-lo ao estágio de transformação total de seu ser, que será efetuada quando os irmãos do Homem vierem à Terra para gerar ou dar à luz os filhos da luz, que terão sido preparados para recebê-los, sem medo, sem ignorância, em plena consciência de seu poder.

A solidão rasga as paredes do ego. Ela se abre além de si mesma, além da consciência do ego mental de seu aprendizado secular. O ego aprende a não agitar a poeira de sua memória, seus falsos sentimentos, e a exercer sobre si a paciência de sua relação com a energia do duplo, que deve se ajustar antes de poder usá-la em seu próprio benefício e o da vida criativa em geral.

A solidão da iniciação planetária dura até que o corpo emocional tenha sido suficientemente fortalecido pelos choques vibratórios que o duplo cria através dos eventos. Este fortalecimento ajusta a mente e adapta a mente a uma vibração mais elevada. É este aumento da vibração da energia mental que cria esta solidão, pois o ego não intervém mais na vida como fazia no passado. Parece que a vida está acontecendo além de seu controle. E isto não é fácil no início, pois se sente cada vez mais desprovido de verdadeira autoridade. À medida que a solidão se desvanece, o ego começa a viver com uma autoridade cada vez mais poderosa, pois sua inteligência e vontade são agora princípios de vida não coloridos por sua astralidade.

Sua autoridade sobre a vida retorna. E quanto mais ele se torna consciente, mais ele se dá conta dessa autoridade, até o dia em que a fusão total lhe dá autoridade mesmo nos planos mais baixos da matéria. A solidão da iniciação se desvanece com inteligência e compreensão. Qualquer que seja a taxa vibratória que o Homem deve experimentar em seus corpos sutis, ele não pode mais, depois da solidão, sofrer com ela, porque a energia não é mais bloqueada pelo ego. Dizemos então que o Homem planetário torna-se cósmico, ou seja, seu duplo se torna cada vez mais poderoso na matéria, e este poder se torna o poder criativo do Homem.

No final do ciclo, aqueles que experimentaram plenamente a fusão compreenderão o fenômeno humano de tal forma que a própria natureza da consciência planetária será afetada, pois o novo Homem será então capaz de agir em vez de reagir. E quando um ser consciente age, ele altera a consciência de seu planeta, e instrui aqueles que vêm atrás dele, sobre a realidade. O fenômeno extraterrestre, por exemplo, é extremamente importante para a Humanidade. Mas só se torna real para o Homem quando este pode viver em um comprimento de onda paralelo a ele, para entendê-lo bem e também para ser bem compreendido por esses seres, no sentido de uma consciência universal e comum.

O ser extraterrestre é um ser cuja matéria e o dobro são um só. E o Homem deve chegar a este estágio de evolução. Mas quando a matéria e o dobro se tornam um só, a solidão cósmica não existe mais. E esta solidão, que antes era dolorosa para o ego, torna-se um refúgio do ser de si mesmo. É uma solidão total e não mais uma solidão sem sentido.

Mas como a iniciação planetária é vivida e não pode ser compreendida de acordo com a filosofia do ego, a solidão torna-se uma experiência inevitável e necessária. Pois ele corta no ego, fazendo-o perceber, pouco a pouco, que só pode estar sozinho na vida se não estiver consciente da realidade de sua vida.

Por mais que a solidão da iniciação planetária seja uma ilusão, um sofrimento do ego, ela está cheia de significado quando o ego começa a ver o que ele é, o que ele se torna. Por mais que lhe pareça um sofrimento irracional, ele se torna uma ferramenta necessária que reflete a união dessa grande força dentro dele, o duplo.

É o poder, o grande poder vibratório do duplo contra o mental e emocional que cria o espaçamento psicológico da solidão. Mas, se o ego aprender a se recompor nesta solidão, ele o suportará e não poderá dobrá-lo em demasia. Não devemos esquecer que o ego é uma dimensão encapsulada na matéria e que este todo, uma vez refinado, não tem mais o mesmo valor aos seus próprios olhos. É a partir deste momento que a solidão serve para tornar o ego indestrutível, "inafectável", porque não tem mais as mesmas reações ao que acontece na vida.

Ela entende tudo em termos de sua possível fusão. E isto o liberta psicologicamente do estresse criado pelos eventos da vida. Quando ele está consciente, o estresse não existe mais para ele e mesmo os eventos perturbadores, que a dupla utilização para a fusão, não têm mais um efeito psicológico sobre ele. Apenas o efeito vibratório é sentido.

E é este efeito que se torna o peso sempre decrescente sobre seus ombros, até que ele não se sinta mais incomodado por nada. Sua solidão, ou melhor, a solidão da iniciação planetária, faz com que o ego fique sem apoio fora de si mesmo, a fim de se tornar consciente de si mesmo em outros níveis.

Caso contrário, ele voltaria a cair em seus velhos hábitos de ver o mundo material como mais importante, quando na verdade o mundo material não existiria sem a ajuda dos mundos paralelos. Esta visão mais objetiva da realidade o torna objetivo e lhe permite ver a ação do duplo em tudo o que é vida dentro ou através dele. O homem planetário então toma consciência de um plano sutil que é cada vez menos prejudicial para ele. E é neste ponto que ele descobre sua verdadeira criatividade, aquela criatividade que nada tem a ver com o ego em si, mas que flui através dele como uma fonte abundante e infinita.

A solidão do ser planetário encerra o ciclo do pensamento subjetivo, pois impede o seu desenvolvimento mecânico. É então substituída por uma nova forma de cognição instantânea, que nunca é afligida pela emoção. Para que o ego consciente deixe de se lembrar, ele deve ser capaz de agir instantaneamente. Mas esta instantaneidade só pode ser manifestada ou criada pelo duplo, pois o duplo não faz uso da memória subjetiva, pois contém tudo o que é, ou tudo o que deve ser, de uso para o Homem.

Mas o homem não está acostumado a viver sem memória. E é por isso que a solidão tem a função de forçá-lo a deixar de lado uma falsa plenitude, que nasce da atividade mecânica de sua memória. Se ela vive em grande solidão, a mente egoísta só pode se ver em termos de um grande vazio. Isto neutraliza a memória subjetiva e a projeta gradualmente em uma memória mais impessoal e criativa. Aqui ele tende a perceber gradualmente que, de fato, sua vida inconsciente é um jogo mal compreendido por ele, que ele não quer mais viver inconscientemente.

Quando de fato ele pode criar suas próprias regras, seu próprio jogo, porque não há mais nenhuma diferença, nenhum muro, entre o duplo, o cósmico e o homem planetário. Para que o ego tome consciência do duplo como parte integrante de si mesmo, ele deve experimentar a solidão, pois nesta experiência ele pode se referir cada vez menos a si mesmo no passado, já que a solidão da iniciação o força a viver no presente. E é no presente que o duplo se manifesta.

E enquanto a solidão servir ao duplo, o ego deve vivê-lo porque o predispõe a não mais brincar subjetivamente com a vida. Ela é forçada a vivê-la em condições que estão sob o poder vibratório do duplo. É por isso que o irracional parece à primeira vista ridículo, não porque realmente seja, mas porque o ego o vê dessa forma por causa de sua incapacidade de viver do poder do duplo em sua vida. Poder que é de ordem vibratória e não de ordem psicológica, a fim de destruir as razões que o ego pode dar a um evento que ele não pode aceitar por causa de sua irracionalidade. Na verdade, o irracional não existe.

Somente a memória subjetiva do ego existe, o que dá ao evento um valor que ele rejeita, porque não se enquadra em sua visão subjetiva das coisas. O ego não percebe, até ter experimentado a grande solidão, que a vida material deve ser harmonizada, de acordo com o poder do duplo através dele e não de acordo com o corpo de desejo do ego contra o duplo.

Se chamamos este estado de solidão mental, é porque significa que o Homem que avança para a consciência, o Homem que toma consciência da atividade do duplo dentro dele, percebe, de fato, que sua consciência total é em termos de uma totalidade que atravessa os mundos mental e emocional, aos quais ele está acostumado desde o nascimento. Ou seja, ele se dá conta de que a realidade de sua mente está "sobreposta" à realidade mental e emocional de seu ser inferior.

E a consciência do ego sobre esta situação cria solidão, ou seja, dilacerada, separada em suas ligações com a Humanidade, estabelece laços com forças cósmicas e transplanetárias, forças que estão além da matéria. E quando o duplo se torna consciente no Homem, ou seja, quando o duplo desenvolve suas raízes e consequentemente o ego se torna consciente dele, um fenômeno de solidão ocorre no Homem, porque o ego na limitação de sua consciência, toma sobre si a grande consciência do duplo.

E a relação entre o infinito do duplo e a finitude do ego cria essa solidão, que a princípio é dolorosa para o Homem, porque o obriga a se considerar em termos de algo mais, isto é, em termos de algo maior que ele, algo que é dele, mas maior que ele. E é esta diferença, este diferencial, esta relação entre o infinito e a finitude, o cósmico e o planetário, que cria o estado de espírito que chamamos de solidão da iniciação planetária.

O ser que amanhã estará em contato com a inteligência universal não poderá mais se referir subjetivamente à memória de suas emoções e à memória de seus pensamentos subjetivos, porque a poderosa intervenção em sua vida do duplo, isto é, da luz, impedirá que o ego volte ao passado, sinta a pequenez planetária do Homem, e permitirá que o ego, o Homem, este novo ser, perceba, depois de ter vivido a solidão, que de fato, este período, que era temporário, era necessário.

Pois predispôs o velho Homem a se tornar, amanhã, o novo Homem, o Super-Homem, o Homem que não precisava mais de apoio psicológico para ser, o Homem que não estava mais preocupado existencialmente com a vida, mas o Homem que tinha descoberto, percebido, o que finalmente, depois de séculos e séculos, o antigo conhecimento esotérico e hermético da Humanidade tinha estado disposto a fazê-lo compreender, através da voz simbólica do astral, sem ser capaz de fazê-lo perceber.

Pois é apenas o dobro que pode dar ao homem a luz de que o ego precisa para tornar sua inteligência clara, sua vontade poderosa, e seu amor grande. Aqueles que conhecem a solidão da iniciação planetária compreenderão o mistério do Homem, compreenderão o mistério do espírito e compreenderão que o Homem e o espírito são um só e que esta solidão é apenas o resultado da relação imperfeita entre o espírito e o Homem.

CAPÍTULO 7

*Evolução ascendente e descendente BoM-RG # 62A (modificado)*

Bem, então separo a evolução do Homem, dou-lhe uma curva descendente e uma curva ascendente OK. ? A curva descendente eu chamo "involução", a curva ascendente eu chamo evolução. E hoje o Homem está no ponto em que estas curvas se encontram. Vamos colocar uma data: 1969, se você quiser. Se olharmos a evolução - não de um ponto de vista darwinista - mas de um ponto de vista ocultista, em outras palavras, de acordo com a pesquisa interior do Homem, e se voltarmos no tempo, podemos situar há doze mil anos o colapso de uma grande civilização à qual o nome da Atlântida foi dado.

Assim, foi um período em que o Homem desenvolveu intensamente o que se chama corpo astral, que é um aspecto de sua consciência, que é um veículo sutil de sua consciência, que está diretamente ligado a tudo o que é psico-emocional. E depois da destruição desta civilização até hoje, o Homem desenvolveu outra parte de sua consciência, que pode ser chamada ocultamente de desenvolvimento da consciência mental inferior, o que deu origem ao desenvolvimento muito avançado do intelecto, que hoje serve ao Homem para a compreensão do mundo material.

E desde 1969, neste planeta, há um novo fenômeno na consciência do Homem, ao qual podemos dar o nome de fusão ou ao qual podemos dar o nome de despertar da consciência supramental na Terra. E há homens no mundo que deixaram de funcionar no nível da mente inferior, portanto do intelecto, e que começaram a desenvolver mais uma camada de consciência que é chamada de consciência supramental. E esses homens desenvolveram faculdades que estão em processo de desenvolvimento e que também coincidirão com outro ciclo de evolução, que pode ser chamado de sexta raça raiz.

Ocasionalmente falando, quando falamos da evolução do Homem, falamos da Atlântida que foi a quarta raça raiz com suas sub-raças, as raças indo-européias das quais fazemos parte, que são parte da quinta raça raiz e suas sub-raças. E há agora o começo no mundo de uma nova raça raiz que também dará suas sub-raças. E eventualmente haverá uma sétima raça raiz que permitirá ao Homem alcançar um nível suficientemente avançado de evolução para não precisar mais do uso orgânico de seu corpo material. Mas não estamos lidando com isso no momento, então estamos lidando com a sexta raça raiz que não representa uma raça física, mas que representa um aspecto puramente psíquico da nova consciência mental da Humanidade futura.

É óbvio que para compreender a evolução do Homem neste plano, desde o ponto do vórtice invertido até sua finalidade, que é talvez dois mil e quinhentos anos de acordo com as informações que recebemos, é óbvio que o Homem passará a etapas absolutamente extraordinárias de consciência, Ou seja, tanto quanto o Homem da Atlântida era limitado em relação ao Homem das raças indo-européias, tanto é limitado e será limitado em relação ao Homem da próxima evolução da consciência supramental na Terra, que foi prevista por Aurobindo.

O que é interessante sobre a evolução da consciência supramental é isto: que tanto quanto hoje nós, os Homens racionais, os Homens cartesianos, os homens reflexivos da quinta raça raiz, temos a tendência de acreditar que nossa mente é governada por nosso ego, tanto assim amanhã o Homem descobrirá que a mente humana não é governada pelo ego, que a mente humana é, em sua definição psicológica, a expressão reflexiva do ego, e que sua fonte está em mundos paralelos aos quais podemos dar o termo "mundo mental" por enquanto, mas aos quais daremos mais tarde o termo "mundo arquitetônico".

Em outras palavras, o que quero dizer é que quanto mais o Homem se der ao trabalho ou à capacidade ou à liberdade de descobrir a fonte de seu pensamento, mais lhe será possível começar a entrar em comunicação telepsíquica com os mundos paralelos, para que no curso da evolução, no plano mundial, no plano universal da raça, ele seja capaz de decodificar instantaneamente os mistérios da vida, tanto no reino da matéria como no reino astral da alma e no reino mental do Espírito. Em outras palavras, o que quero dizer é que o Homem chegou a um ponto em que hoje é possível atingir um estado de consciência mental suficiente para si mesmo.

E quando digo uma consciência mental auto-suficiente, não me refiro a uma consciência mental baseada no valor psicológico da verdade. Verdade é um termo, é uma convicção pessoal ou uma convicção social, ou uma convicção sociológica coletiva, que faz parte das necessidades emocionais do Homem como indivíduo ou da sociedade como coletividade, para assegurar uma predominância no mundo da matéria.

Mas no nível da evolução da consciência futura da Humanidade, o fenômeno da verdade ou sua contraparte psicológica, ou seu valor emocional, será absolutamente inútil pela simples razão de que o Homem não será mais capaz de usar a emocionalidade de sua consciência na avaliação psicológica de seu conhecimento. Ele não terá mais que usar a emocionalidade de sua consciência para o desenvolvimento da segurança mental de seu eu.

Assim, o Homem será absolutamente livre para exercer no plano psíquico, a expressão, elaboração e definição dos temas, em última análise infinitos, da consciência universal que fazem parte de todas as raças do mundo, que fazem parte de todas as raças do cosmos, e que são de fato parte da unidade imutável do Espírito, em sua definição absoluta, como fonte original da Luz e de seu movimento no cosmos.

Assim, chegará um ponto no curso da evolução da humanidade quando finalmente o ego terá alcançado a consciência do ego, e quando o ego terá finalmente alcançado os possíveis limites de sua definição psicológica, introduzindo em sua consciência o potencial criativo de sua mente pura, ou seja, de seu Espírito.

E descobriremos na Terra, em diferentes raças, em diferentes nações, em diferentes épocas, indivíduos que conhecerão a fusão, ou seja, que virão a ser capazes de gravitar instantaneamente para tão grandes fontes de conhecimento, que a ciência mundial, em termos de tecnologia, técnica, medicina, psicologia ou história, será totalmente derrubada. Por que isso vai acontecer? Porque pela primeira vez desde a evolução do Homem, pela primeira vez desde a descida do Espírito à matéria, e pela primeira vez desde a aliança da alma com o material, o Homem terá finalmente atingido a capacidade de suportar seu conhecimento absoluto.

O que eu chamo de conhecimento absoluto é a capacidade da mente humana de ser capaz de suportar e absorver sua própria Luz. O conhecimento absoluto não é uma faculdade. O conhecimento absoluto não é uma predestinação. O conhecimento absoluto não é uma necessidade. O conhecimento absoluto é um propósito evolutivo corretivo, ou seja, faz parte do grande campo de atividade da Luz no cosmos, e permite que todos os reinos, todas as instâncias inteligentes, ou seja, todas as espécies inteligentes do universo, se encontrem em um plano mental superior, ou seja, em um plano de energia suficientemente poderoso para permitir, eventualmente, no curso da evolução, o eventual desaparecimento do corpo material para provocar a inevitável ressurreição do corpo etérico.

Ou seja, a capacidade do Homem de finalmente entrar em um componente energético com os diferentes sóis que compõem o organismo universal, e que são seu Espírito, sua Luz e seu fundamento, no movimento e na compreensão infinita do que chamamos hoje a consciência atômica! Assim, chegará um ponto no curso da evolução em que o Homem será capaz, sem ter que pensar, sem ter a necessidade de pensar, o Homem será capaz de finalmente intervir de forma categórica na construção mental dos arquétipos involutivos e evolutivos da consciência universal na Terra. Isto significa que o Homem acabará por perceber que ele é um ser absolutamente inteligente.

O homem compreenderá que a Inteligência não é apenas a expressão de uma forma de educação, mas que a Inteligência é absolutamente a característica fundamental de toda mente em qualquer assunto. Somente estamos hoje em um ponto onde, como ego ou como eu humano, somos forçados a viver dentro dos limites que nos foram impostos pela reflexão universal, ou seja, pela história e memória da Humanidade.

E ao Homem ainda não foi dada - porque não há ciência suficiente neste campo - a capacidade de conhecer e entender como funciona sua psique, como funciona seu ego e o que significa o termo Inteligência em sua definição universal, de modo que o Homem está preso hoje por seu corpo astral, ou seja, por seus sentidos!

Ela é obrigada a substituir por seu conhecimento fundamental e universal um pequeno conhecimento, historicamente condicionado, limitando o conhecimento, sujeito no curso da evolução à revisão, como todas as teorias da ciência terão que ser, não no sentido de que a ciência hoje não é útil, pelo contrário, é muito útil, mas no sentido de que a ciência hoje também faz sua inevitável jornada rumo à sua própria abolição. Assim como todas as civilizações fazem sua inevitável jornada rumo à sua própria abolição.

Mas assim como uma civilização acha a realidade de sua abolição muito difícil, também a ciência achará difícil a realização de sua própria abolição. E isto é bastante normal. Não podemos pedir a seres pensantes ou com uma certa consciência para promover no mundo sua própria decadência ou sua própria aniquilação. Somos obrigados a tomar consciência do que somos, do que fizemos, do que podemos fazer, a fim de evoluir, a fim de permitir que a Humanidade evolua.

Mas como indivíduos - digo como indivíduos - seremos eventualmente obrigados a enfrentar situações de ordem universal e cósmica em nosso planeta, seremos obrigados a enfrentar dimensões que no passado deram origem a grandes movimentos de superstição no mundo; movimentos que se extinguiram com a evolução da ciência, e movimentos que foram categoricamente rejeitados posteriormente pela ciência.

Assim, seremos obrigados a tempo de revisitar e reviver certas experiências a fim de tomar consciência de que o cosmos é ilimitado. Que a consciência humana é ilimitada e que o Homem em sua interioridade é tão poderoso quanto sua consciência pode ser. Isto é muito importante hoje em dia em um mundo onde somos obrigados a viver no cruzamento de uma multidão de correntes de espírito que, como um todo... E quando digo como um todo, estou certamente olhando para os Estados Unidos onde esta experiência coletiva em seu confronto com a individualidade está lentamente tendendo a criar uma psicose coletiva.

O homem não pode ser bombardeado indefinidamente no mundo por correntes de idéias que são amplificadas em número pela televisão ou pelos jornais, ou pelas diversas formas de imprensa livre. Chegará um ponto em que o Homem não será mais capaz de suportar a tensão psíquica e psicológica que surge dos vários confrontos entre a verdade e a falsidade. Chegará um ponto na evolução da consciência supramental na Terra quando o Homem será obrigado a definir a realidade em relação a si mesmo. Mas será um "eu" que é universal, não um "eu" que se baseia na maldade do próprio Espírito ou na vaidade do próprio ego ou na insegurança do próprio eu.

Assim, a partir desse momento, o homem começará a compreender o fenômeno humano, a civilização em todos os seus aspectos. E ele não será mais "*sobrecarregado"* psicologicamente pelo que está acontecendo ou pelo que acontecerá no mundo. O homem começará a ser livre. E a partir do momento em que ele começa a ser livre, ele finalmente começará a entender a vida em sua qualidade fundamental. E quanto mais ele evolui, mais ele entenderá a vida de forma absoluta, integral e aprendida, num sentido que hoje não faz parte da consciência da quinta raça raiz.

Por que toda essa verborreia? Simplesmente para trazer o Homem, pouco a pouco, para entender que a maior fidelidade que ele pode dar a si mesmo, criar para si mesmo, é a fidelidade a si mesmo. Vivemos em um século onde o amor pelo individualismo, especialmente no mundo ocidental, é muito avançado. Tornamo-nos cada vez mais individualistas, mas o individualismo, se permanecer uma atitude, não está fundamentalmente integrado na realidade do ser humano. Em outras palavras, andar na rua de calcinha vermelha e chinelos amarelos e fazer sexo em Nova York, em Time Square em Nova York, é uma forma de individualismo. Mas é excentricidade, é uma forma de astralização da consciência humana.

Para manter sua individualidade, para expressar sua individualidade no sentido concreto do termo, o homem não precisa desprezar as sensibilidades das massas ou desprezar as sensibilidades de seu povo ou desprezar as sensibilidades de suas populações. É uma ilusão! E faz parte das modas características do século XX, eventualmente se torna banal, eventualmente se torna até mesmo estúpido, eventualmente carece de qualquer estética. Portanto, o novo Homem, a evolução da consciência supramental na Terra, de fato permitirá ao Homem desenvolver uma consciência extremamente individualizada, mas não individualista.

Por que o Homem será individualizado? Porque a realidade de sua consciência será baseada na fusão de seu Espírito e não projetada no mundo aos olhos dos Homens, para revelar uma espécie de flerte com excentricidade. Um Homem não precisa andar pelo mundo e ser marginal para ser real. Pelo contrário. Quanto mais consciente o Homem é, menos marginal ele é, mais real ele é e mais anônimo ele está em sua realidade. Porque a realidade do Homem é algo que vai entre ele e si e não entre ele e os outros.

Se olharmos para a evolução necessária de uma raça raiz em nosso planeta, é para entender algo do fenômeno humano. O estabelecimento de coordenadas é puramente pragmático, é puramente para dar uma estrutura cronológica de compreensão aos eventos inevitáveis! Mas se falamos de uma raça consciente, se falamos de uma Humanidade consciente, somos obrigados a falar de Homens e indivíduos conscientes.

A evolução da consciência supramental na Terra nunca será em uma escala coletiva. A evolução da consciência supramental na Terra nunca será a expressão de uma força coletivizadora. Serão sempre os indivíduos do mundo que irão gravitando pouco a pouco, mais e mais, em direção àquele ponto de sua consciência onde se unirão com sua própria fonte, seu Espírito, seu duplo, o que quer que chamemos aquela realidade que é parte do Homem.

Mas o movimento fundamental nesta direção será baseado nisto: será baseado na compreensão do fenômeno do pensamento, que nunca foi feito desde a involução. Não basta dizer: "*Eu penso, portanto, eu sou".* Foi bom para Descartes dizer: *"Eu penso, portanto sou",* porque era parte da realização que o pensamento em si tem um poder que deve ser realizado no nível do indivíduo.

Mas no plano de uma consciência criativa, chegará um ponto em que o pensamento do Homem será transmutado completamente, integralmente. E o homem não pensará mais no curso da evolução. Seu pensamento será transformado em um modo criativo de expressão de sua mente superior. E esta mente se tornará totalmente telepsíquica. Em outras palavras, o Homem experimentará uma comunicação instantânea com os planos universais e este modo de comunicação não será mais reflexivo. A partir do momento em que o pensamento deixa de ser reflexivo na mente do Homem, o pensamento deixa de ser subjetivo. Não podemos mais dizer que o Homem pensa, dizemos que o Homem se comunica com os planos universais de sua própria consciência.

Mas para que o Homem possa compreender isto de forma integral, será necessário que ele perceba que o pensamento, como o concebemos hoje, como o vivemos hoje, como está fixo em nossa mente, como é produzido ou percebido por nós como um ego inconsciente, deve despertar em nós uma certa realização, no sentido de que o Homem deve vir a ser capaz de perceber que seu pensamento em si o divide contra si mesmo. Somente na medida em que ele, por razões de involução e inconsciência, a submete à polaridade do bem ou do mal, verdadeiro ou falso.

Desde o momento em que o Homem polariza sua mente, que ele estabelece coordenadas negativas ou positivas, ele criou a divisão entre si no plano material e ele mesmo no plano cósmico e universal. Isto é muito importante! É tão importante que é a chave fundamental para a próxima evolução. O que nos faz tender a viver sempre nosso pensamento em relação a uma polaridade é a insegurança fundamental de nosso ego. É a capacidade poderosa e vampírica de nossas emoções. É nossa incapacidade como ego, ou como indivíduo mal educado ou supereducado, de não ser capaz de lidar com o que sabemos.

Não há homem no mundo que não saiba alguma coisa. Todos os homens sabem algo, mas não há autoridade mundial, não há definição cultural, não há apoio cultural no mundo que possa apoiar que um homem saiba algo. Há instituições que se dão o direito de saber algo para instituir esse conhecimento e condicionar a mente do Homem. Isto é o que chamamos de ciência em diferentes níveis, é normal.

Mas não há o movimento oposto onde as instituições no mundo possam dar ou devolver ao homem sua autoridade, ou seja, devolver-lhe a pequena dimensão de si mesmo que pode um dia tornar-se muito grande, a de sua própria Luz. E você pode testar isto de uma maneira muito simples no campo espiritual, no campo da religião. Um dia, quando os centros do Homem estiverem suficientemente abertos, ele será capaz de fazer o mesmo no campo da ciência.

Um homem que está no mundo e que, por exemplo, iria ver um clérigo ou alguém que trabalha na religião e que falaria com ele sobre Deus, e que diria: "*Bem, Deus é tal e tal coisa, tal e tal coisa",* ser-lhe-ia dito: "*Mas que direito você tem de falar sobre Deus? Que direito você tem de falar de Deus"...?*  E se o Homem é menos evoluído e pode realmente fragmentar a forma de Deus para trazer à tona ou fazer surgir outras formas que fazem parte da dimensão criativa de sua mente, ele será ainda mais repelido pela institucionalização de um conhecimento que está relacionado com a compreensão dos mundos invisíveis.

Por isso, digo que o Homem não poderá entrar no mundo, em uma consciência supramental, com o apoio do mundo. O homem terá uma consciência supramental quando tiver se libertado completamente da necessidade de apoio do mundo, para finalmente começar lentamente a perceber e suportar o que sabe. E a condição para isso é não cair na armadilha da polaridade do verdadeiro e do falso.

Se o homem cair na armadilha da polaridade do verdadeiro e do falso, ele vai emocionar sua consciência, vai insegurar seu eu e vai desenvolver atitudes extremas em relação à realidade. Verdadeiro e falso são apenas componentes psicológicos de uma incapacidade mental de saber! Quando você come um bom bife, não se pergunta se é real ou falso, não há polaridade, é por isso que é bom. Mas se você começa a se perguntar se há vermes dentro, ah, naquele momento seu estômago não responde mais! E é a mesma coisa no nível de conhecimento.

O conhecimento é para a mente inferior o que o conhecimento é para a mente superior. O conhecimento é parte da necessidade do ego enquanto o conhecimento é parte da realidade do eu. Portanto, não há divisão ou separação entre conhecimento e conhecimento. O conhecimento é parte de um nível de consciência e o conhecimento é parte de outro.

No campo do conhecimento, falamos de certas coisas e, no campo do conhecimento, falamos de outras coisas. Os dois podem se encontrar, confraternizar juntos e ser muito bons juntos. E o Homem é um ser multidimensional, mas o Homem também é um ser que possui e vive uma consciência experimental. Nós, na Terra, temos uma consciência experimental. Nós não temos uma consciência criativa.

Olhem para suas vidas! Suas vidas são experiência! A partir do momento em que você entra no mundo, sua vida é uma experiência constante, mas o Homem não pode viver indefinidamente da experiência. Um dia o Homem terá que viver da consciência criativa, momento em que a vida vale a pena, a vida torna-se muito grande, muito vasta, é poderosa em criatividade, e o Homem deixa de viver a experiência da alma. Mas por que o Homem vive a experiência? Porque ele está ligado a forças poderosas - que eu chamo de memória - que na verdade são o que você chama de "a alma".

O homem não vive de seu Espírito, ele é apegado à alma, ele vive da alma, ele é constantemente vampirizado pela alma. Pessoas que fizeram pesquisas em "*renascimento"* ou pessoas que fizeram pesquisas no retorno do ser em um certo passado determinaram muito bem que algumas pessoas hoje sofrem de certas coisas, porque em uma vida anterior sofreram com a causa. Há pessoas hoje que não conseguem entrar em um elevador (elevador) porque são traumas vivos que vêm de antes da vida material, ou que foram sufocadas em condições anteriores, não são capazes... Sufocam. Assim o Homem vive a experiência da alma.

Ele vive, ele está preso à sua memória, tanto a muito vasta memória inconsciente de seu movimento evolutivo anterior quanto a muito vasta memória que ele vive hoje como um ser experiencial. O homem não pode experimentar indefinidamente a Terra! É um insulto à sua Inteligência universal. É absolutamente inconciliável com a natureza do Homem que o Homem não possa dizer: "*Bem, em dez anos eu quero fazer tal e tal coisa, em cinco anos eu quero fazer tal e tal coisa", é* absolutamente inconciliável com a natureza do Homem que ele não conheça seu futuro!

É irreconciliável com a natureza do Homem que ele não conheça a natureza do Homem antes dele. Em outras palavras, é irreconciliável com o Espírito do Homem que este Espírito no Homem seja forçado a viver segundo os ditames da razão, porque o Homem no plano material hoje pertence a uma geração cuja consciência é descendente. A consciência do homem deve passar da descida à matéria para uma eventual saída para o etérico, aquela parte da realidade do planeta que é, em última instância, o mundo em que o homem deve naturalmente viver sua imortalidade.

O homem não é feito para vir à matéria e morrer. O que chamamos de morte, isto é, o que chamamos de retorno do Homem ou da alma ao plano astral, faz parte da inconsciência do Homem. Faz parte do fato de que o Homem está totalmente isolado dos circuitos universais que são a fonte de sua geração, que são a fonte de sua Inteligência, que são a fonte de sua vitalidade, que são a fonte de seu eu planetário! Portanto, o Homem deve retornar à fonte, mas o Homem não pode retornar à fonte através das ilusões espirituais e históricas da involução.

O homem não poderá voltar à sua fonte usando as velhas idéias que o forçaram a ser um prisioneiro da matéria. O homem não voltará à sua fonte usando os velhos meios que o tornaram um ser de consciência experimental. O homem não voltará à sua fonte por acreditar.

O homem voltará à sua fonte desenvolvendo gradualmente, no decorrer de sua evolução, a capacidade de suportar o que sabe.

Mas no mundo de hoje, estamos condenados a uma mitologia, a uma sistematização psicológica de nosso eu. Estamos condenados ao domínio de uma atitude mental psicológica que afeta todas as Humanidades: a crença. Por que o Homem precisa acreditar? Porque ele não sabe! Por que o Homem precisa acreditar? Porque ele é um ser de consciência experimental, por isso não tem Luz na mente. Ele vive no movimento muito sombrio de sua pequena consciência, então ele é obrigado a acreditar para se apegar a algo vital e absoluto.

Mas esta crença no absoluto que faz parte do condicionamento psicológico do ego, esta crença no absoluto, foi estabelecida por quem? Foi estabelecido pelo Homem da Involução. Você sabe muito bem que se você sair ao mundo e contar uma história a alguém, a história que você vai contar não será a mesma quando for recebida e contada pela outra pessoa, como a que você contou originalmente.

Imagine que alguém sai ao mundo e tenta repetir o que eu digo hoje, como um iniciado, você pode imaginar como sairá amanhã! Portanto, há homens no passado que fizeram coisas, houve Iniciados que vieram ao mundo para ajudar a evolução da Humanidade. Mas o que esses seres disseram e o que foi relatado sobre o que eles teriam dito é outra coisa.

E posso lhe dizer uma coisa em substância - porque eu conheço este fenômeno há anos - é absolutamente impossível para um homem repetir perfeitamente o que é dito perfeitamente. Tente fazer isso quando for para casa hoje à noite! É impossível para um ser humano repetir o que é perfeitamente dito. E eu lhe direi por quê. Porque o que é perfeitamente dito - em outras palavras, o que não é colorido pelo ego, o que não é astralizado, o que não é parte da inconsciência do Homem, mas o que é parte da cosmicidade do Homem - não é dirigido ao ego do Homem ou ao ego do Homem, ou ao intelecto do Homem. É dirigido ao seu Espírito.

E se o Homem não está em seu Espírito, como você espera que ele retome o que outro Espírito já disse? Isso é impossível. Portanto, nesse momento há a coloração. E da coloração das palavras dos Iniciados surgiu o que chamamos religiões para o benefício evolutivo da Humanidade. E eu concordo e estou muito feliz que isto esteja acontecendo e que isto tenha acontecido, porque é necessário. Mas chegará um momento no curso da evolução em que o Homem não precisará mais de apoio moral para dar à sua consciência a plenitude de seu próprio conhecimento. Isto é uma consciência supramental.

E já que estamos falando com Quebecers, já que estamos falando com um povo que, por muito boas razões, teve a oportunidade de experimentar uma certa proximidade com o mundo espiritual que a religião lhes deu, já temos um avanço, no sentido de que já somos seres que têm uma certa sensibilidade para com o invisível. Mas a partir daí, para entrar na busca profundamente oculta da consciência, usando os caminhos espirituais da involução, ela nos conduzirá diretamente à polaridade do eu. Isso nos levará ao conflito do certo e do errado, verdadeiro e falso, e criará um grande sofrimento na mente.

É por isso que eu digo: Homem Consciente, a evolução da consciência supramental na Terra começará a partir do momento em que o Homem já terá compreendido a necessidade de não submeter seu pensamento ao verdadeiro e ao falso. Mas para aprender gradualmente a vivê-lo e apoiar seu movimento até que um dia este pensamento venha a ser perfeito, ou seja, totalmente em sua própria Luz, totalmente despolarizado, para que finalmente o ego, o eu... O ego, a alma e o Espírito se unam e façam do Homem um ser real.

O que é um ser real? Um ser de verdade é um ser de verdade! Não é um ser que precisa da verdade, não é um ser que come a verdade. Se você comer a verdade, amanhã você comerá mentiras, porque haverá pessoas que o levarão ainda mais longe até as fronteiras do Infinito da realidade. Se você comer a verdade, um dia será obrigado a fazê-lo novamente, porque a única coisa que convém ao homem, que convém à sua consciência, que convém ao seu Espírito, que convém à sua alma, que convém ao seu ego, que convém ao seu ser, é a paz.

Mas o que é a paz? A paz é a parada, a parada da busca. Vocês dirão: "*Mas sim, mas é necessário procurar"*, eu digo: Sim O homem procura, apesar de vocês mesmos procurarem, todos os homens procuram, mas chegará um ponto no curso da evolução em que o homem não terá mais que procurar, o homem não terá mais que procurar e o homem deixará de procurar quando tiver finalmente compreendido que sabe.

E então você dirá: "*Sim, mas como podemos saber que sabemos"...* Você saberá disso na medida em que se permite suportar, na medida em que não precisa ligar para alguém para descobrir se você está certo. E então você dirá: "*Bem sim, mas se você está certo ou se você está certo, é perigoso".* Direi: "Sim, porque um homem que tenta estar certo é um homem que já está à procura de sua razão!

Mas não há experiências em sua vida, em seu cotidiano, em seu canto pessoal, não há momentos em sua vida em que você possa sentir que o que você sabe é isso? E quando é isto, é isto!

(Então você adiciona e você adiciona, e você adiciona, e aqueles que terão a capacidade de adicionar seu "*é isso"* a outro "é isso" *a* outro "é isso*",* mas um "*é isso"* que é real, um "é *isso"* que não será construído sobre o orgulho da mente, um "é *isso" que não será* construído sobre a espiritualidade ou o orgulho de sua espiritualidade, um "é *isso"* que será pessoal para você, um "é *isso"* que será universal com todos os Homens que você encontrar e que estarão em seu "*é isso"*, nesse momento você saberá que é isso!) (eliminar este parágrafo se intraduzível).